



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

CURSO: Licenciatura em Sociologia

Trabalho de fim de curso

Ser moçambicano, ontem e hoje: percepções e significados da moçambicanidade através da música moçambicana para gerações do período pós-independência na cidade de Maputo

Autor: Silva Samuel Macave

Supervisor: PhD Baltazar Muianga

Maputo, Outubro de 2024



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

CURSO: Licenciatura em Sociologia

Trabalho de fim de curso

Ser moçambicano, ontem e hoje: percepções e significados da moçambicanidade através da música moçambicana para gerações do período pós-independência na cidade de Maputo

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane.

Autor:

Silva Samuel Macave

Supervisor:

PhD Baltazar Muianga

O Júri

O Presidente:

O supervisor

O Oponente

Maputo, Outubro de 2024

Declaração de Honra

Eu, Silva Samuel Macave, declaro por minha honra que esta monografia nunca foi apresentada de forma parcial ou integral, em nenhuma instituição, para obtenção de qualquer grau académico.

A mesma é produto da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e nas referências bibliográficas, as fontes usadas para a realização da pesquisa.

Maputo, Outubro de 2024

(Silva Samuel Macave)

Dedicatória

À mana Ávila, para sempre na minha memória - Nanana.

Agradecimentos

Ao meu supervisor, Doutor Baltazar Muianga, por ter aceitado acompanhar-me nesta jornada de produção deste trabalho. Muito obrigado pelos conselhos, por ser sempre transparente e sempre dizer o que não está e como melhorar.

À minha família, em particular aos meus pais, Samuel e Lúcia, e aos meus irmãos, Titos, Lulu, Raquel e Júnior, por tudo o que representam para mim e por sempre estarem ao meu lado durante este percurso.

Aos amigos que fiz durante o curso, em particular ao Cândido Machava, Yara Muando, Chamina Narciso, Juelma Cumbe, Celsia Sonto. Aos meus colegas, Guidione Pandza, Melosina Mucombo, Deíse Rodrigues, Amélia Pechisso, Chaika Mucapa, Lénio Lisboa, , Nócita Nhate, toda turma do ano vinte, obrigado.

Aos docentes do Departamento de Sociologia, em particular ao Dr. Maurício, Dr. Neto Sequeira, Dr. Baloi, Dr. Nhampoca, por terem sido os que me fizeram mergulhar no estudo da Sociologia desde as origens até ao trabalho prático. E de resto, a todo corpo docente e técnico e administrativo da Universidade e Departamento de Sociologia que de certa forma contribuiu para a minha formação académica.

Aos participantes desta pesquisa que se dispuseram a dar um pouco do seu tempo para que este projecto fosse possível.

Ao Clésio Mavie, por ter feito a revisão linguística do trabalho, muito obrigado.

- Obrigado a todos!

Resumo

A presente monografia, com o título “*Ser moçambicano, ontem e hoje: percepções e significados da moçambicanidade através da música moçambicana para gerações do período pós-independência na cidade de Maputo*”, analisa as percepções e significados que os moçambicanos atribuem à música moçambicana como forma de representar a moçambicanidade. Como teoria de base, optamos pela análise fenomenológica de Alfred Schutz (1979) para captar os significados e experiências da realidade social e fazer um cruzamento com as percepções e significados atribuídos à moçambicanidade e à música moçambicana como representação dessa moçambicanidade, através de conceitos como significado, identidade nacional e música moçambicana. Em termos metodológicos, optamos pela abordagem qualitativa, o método de procedimento foi o estudo de caso, relativamente à recolha de dados, usamos a entrevista semiestruturada, a observação e a pesquisa bibliográfica. Para a análise de dados, usamos a análise de conteúdo, que nos levou à conclusão de que os moçambicanos têm uma percepção polissémica da moçambicanidade, e os significados que atribuem à música moçambicana são distintos para as dois grupos estudados, nomeadamente: os moçambicanos nascidos depois da independência e antes do acordo geral de paz e aos nascidos depois do acordo geral de paz mas antes de dois mil e quatro. Contudo, a percepção convergente é de que a música moçambicana deve remeter à realidade local, seja através do género e/ou conteúdo transmitido.

Palavras-chave: Moçambicanidade; Percepções; Significados; e Fenomenologia.

Abstract

This monograph, entitled “Being Mozambican, yesterday and today: perceptions and meanings of Mozambicanness through Mozambican music for post-independence generations in the city of Maputo”, analyzes the perceptions and meanings that Mozambicans attribute to Mozambican music as a way of representing Mozambicanness. As a basic theory, we opted for the phenomenological analysis of Alfred Schutz (1979) to capture the meanings and experiences of social reality and cross-reference them with the perceptions and meanings attributed to Mozambicanness and Mozambican music as a representation of that Mozambicanness, through concepts such as meaning, national identity and Mozambican music. In methodological terms, we opted for the qualitative approach; the method of procedure was the case study. In terms of data collection, we used semi-structured interviews, observation and bibliographical research. For data analysis, we used content analysis, which led us to the conclusion that Mozambicans have a polysemic perception of Mozambicanness, and the meanings they attribute to Mozambican music are different for the two groups studied, however, the converging perception is that Mozambican music should refer to the local reality, either through the genre and/or content transmitted.

Keywords: Mozambicanness; Perceptions; Meanings; and Phenomenology.

Epígrafe

Os pressupostos de que partimos não são arbitrários, dogmas, mas pressupostos reais, de que só se pode abstrair na imaginação. São os indivíduos reais, sua acção e suas condições materiais de vida, tanto aquelas por eles encontradas como as produzidas por sua própria acção. (Marx e Engels, em *A ideologia Alemã*, 2007).

Índice

Declaração de Honra	ii
Dedicatória	iii
Agradecimentos	iv
Resumo	v
Abstract	vi
Epígrafe	vii
Introdução	1
Capítulo I - Revisão da Literatura	5
1. A identidade nacional construída de cima para baixo	5
2. Representação da identidade nacional no dia-a-dia	8
3. Formulação do problema de pesquisa	11
4. Objectivo Geral	12
4.1. Objectivos específicos	12
Capítulo II	13
1. Enquadramento teórico	13
2. Definição de Conceitos	15
2.1. Identidade nacional	15
2.2. Música	16
2.3. Significado	16
Capítulo III	18
1. Metodologia	18
2. Método de procedimento	18
3. Técnicas de recolha de dados	19
3.1. Entrevista	19
3.2. Observação	19
3.3. Pesquisa bibliográfica	20
4. Técnica de análise de dados	20
5. População	21
5.1. Amostra	21
6. Critérios de escolha dos participantes: inclusão e exclusão	21

7. Questões éticas	22
8. Constrangimentos	23
Capítulo IV	24
1. Análise e interpretação de dados	24
2. Perfil sociodemográfico	24
3. Dia-a-dia do ser moçambicano	25
3.1. O dia-a-dia de sobrevivência	25
3.2. O dia-a-dia de marginalização	26
4. Percepções sobre a moçambicanidade	29
4.1. A moçambicanidade como língua local	29
4.2. Cultura alimentar típica dos moçambicanos	32
4.3. A capulana como meio de representar a moçambicanidade	33
4.4. O negro como representação da moçambicanidade	34
Capítulo V	37
1. A representação da moçambicanidade através da música moçambicana	37
1.1. Os estrangeirismos na música moçambicana	37
1.2. A música moçambicana como retrato da moçambicanidade	38
2. A Marrabenta e o Rap: dois eixos da moçambicanidade	41
2.1. A Marrabenta: ligação à terra e ao passado	41
2.2. O Rap: curtição , ostentação e retrato dos problemas sociais	43
2.3. O Rap como retrato dos problemas sociais	44
Considerações finais	47
Referências bibliográficas	50
Apêndice	53
Guião de entrevista	53

Introdução

O presente trabalho tem como tema: Ser moçambicano, ontem e hoje: percepções e significados da moçambicanidade através da música moçambicana para gerações do período pós-independência na cidade de Maputo. Este estudo buscou compreender a percepção e o significado da moçambicanidade através da música, atribuídos pelos indivíduos nascidos depois da independência, na cidade de Maputo. A pesquisa teve como objectivos específicos: I) descrever o perfil sociodemográfico dos entrevistados; II) identificar a percepção dos indivíduos nascidos no período pós independência sobre moçambicanidade. III) descrever a percepção dos indivíduos nascidos no período pós independência sobre a música moçambicana como forma de representar a moçambicanidade.

O trabalho é baseado na Fenomenologia de Alfred Schutz (1979), que busca o seu objecto de estudo nas percepções dos indivíduos na vida quotidiana. Sendo assim, procuramos as percepções e significados atribuídos à moçambicanidade através da música moçambicana. Em termos de metodologia adoptada, o trabalho é qualitativo, pois visou compreender e não quantificar as percepções. Ainda na metodologia, temos como método de procedimento usado o estudo de caso, as técnica de recolha de dados que foram entrevista e observação, a população e amostra, bem como as questões éticas que estiveram na base da nossa pesquisa.

A pesquisa explora as percepções e os significados atribuídos à moçambicanidade pelos cidadãos moçambicanos nascidos no período pós-independência. A questão da identidade nacional, ou moçambicanidade, como é tratada em alguma literatura nacional e por nós também, constitui um campo de interesse para a investigação científica, no entanto, no cenário nacional, em particular na Sociologia, encontramos um vazio sobre esta temática. Ainda no cenário nacional, quando muito, os estudos se concentram nas abordagens históricas ou filosóficas, no debate público, deixando de lado o que os indivíduos no dia-a-dia concebem como ser moçambicano.

Na moçambicanidade, procuramos as percepções dos indivíduos sobre o seu dia-a-dia como moçambicano, que aspectos da cultura, mais precisamente a música, identificam-nos como moçambicanos, como esta pode ser vista como uma forma de representar a moçambicanidade. Entendemos que esses aspectos se consubstanciam um campo de investigação, pois são as

percepções e significados atribuídos pelos indivíduos no dia-a-dia que determinam as suas acções. Como defende Weber (1982), "as motivações valorativas dos indivíduos são de fundamental importância para se compreender a acção social, uma vez que os seres humanos agem no mundo influenciados por sistemas simbólicos". Deste modo, os sistemas simbólicos emanados na cultura, política, justiça, desporto, educação e criminalidade são susceptíveis de ser atribuídos valor por parte dos indivíduos, esse processo condiciona ou, weberianamente falando, dá motivação à acção social dos indivíduos. Ou então como postula Sell (2014), as acções dos indivíduos são socialmente construídas através de um sistema de justificativas também socialmente construídas. Portanto, o nosso foco é o de procurar compreender as percepções e significados que os indivíduos atribuem a sua moçambicanidade.

A questão das identidades sempre foi um campo de interesse das ciências sociais. Em Moçambique, tanto como ao redor do mundo, tem-se debatido sobre o tema, sobre o que a moçambicanidade é nas suas diversas dimensões.

O interesse no tema surgiu em sala de aula, numa actividade na cadeira de Sociologia da Vida Quotidiana, que estimulou a curiosidade pessoal sobre o que significa ser moçambicano. Daí partimos para leituras que nos permitiram ter uma ideia do que se escrevia e se debatia sobre a questão, onde notamos uma escassez de material académico na área da Sociologia em Moçambique.

Para Schutz, o mundo social (1979) é o da vida quotidiana, mundo intersubjectivo, em que os actos da vida humana se realizam rotineiramente. O vivido em Schutz é o vivido dos significados que sustentam as relações sociais (Pais, 2002). Com base nessa formulação, questionámo-nos sobre um aspecto singular mas complexo, a identidade nacional, a moçambicanidade como um elo entre os moçambicanos e procuramos compreender as percepções e os significados atribuídos a esta moçambicanidade pelos moçambicanos.

Mais concretamente, focamo-nos na música moçambicana como uma forma de representar a moçambicanidade no dia-a-dia, como os indivíduos percebem os conteúdos das músicas como um factor de identificação com a nação Moçambique. Como este processo de identificação é usado no dia-a-dia dos indivíduos nos mais diversos sectores da vida quotidiana.

Trata-se de compreender, com base na fenomenologia de Alfred Schutz, o que vem à mente, o que se percebe, o que se sente e do que se trata quando se fala de moçambicanidade e como esta é representada na música moçambicana. Que músicas, que género vêm à mente dos indivíduos e que mensagem e parte do quotidiano dos indivíduos essa música retrata.

Esta tarefa tem lugar no quotidiano, onde os indivíduos estabelecem e sustentam relações sociais. Pois é nesse dia-a-dia que os indivíduos se encontram uns com os outros num lugar cultural e intersubjectivo. Nesse lugar, o quotidiano, os indivíduos compreendem e são compreendidos nas diferentes relações sociais em que estão envolvidos.

Este tema é importante para a Sociologia pelo facto de mostrar como a teoria social pode ser usada para compreender os mais diversos aspectos da identidade nacional, e no caso vertente como a moçambicanidade pode ser captada no quotidiano dos indivíduos através da teoria fenomenológica de Schutz.

Em termos de relevância social este trabalho mostra-se como um importante recurso para se saber como os moçambicanos por nos entrevistados percebem a sua moçambicanidade e quão vasta e diversa esta é para os mesmos.

O presente trabalho está organizado em capítulos, onde o primeiro corresponde à revisão da literatura, o segundo à formulação do problema de pesquisa e definição de objectivos geral e específicos, o terceiro ao enquadramento teórico e à metodologia, o quarto capítulo à apresentação e discussão do perfil sociodemográfico e as percepções sobre a moçambicanidade, e o quinto e último capítulo centra-se em discutir a representação da moçambicanidade através da música moçambicana.

Capítulo I - Revisão da Literatura

Esta secção do trabalho apresenta e discute trabalhos empíricos realizados em torno do tema. Dos trabalhos a seguir apresentados e discutidos, destacam-se duas abordagens acerca da identidade nacional, uma que defende que a identidade nacional é um produto da estrutura sociocultural de cada época, defendida por Nhamaze (2000), Basílio (2010), Valia (2012), Noronha e Figueiredo (2010), Paredes (2014), Queiroz (1989), e Hobsbwan (s/d). A segunda abordagem que defende que a identidade nacional pode ser notada no dia-a-dia a partir de aspectos próprios de cada cultura, e que são usados pelos indivíduos. Essa visão é defendida por Jeff Spinner-Halev e Elizabeth Theiss-Morse (2003), Tim Edensor (2002), Ohad David e Daniel Bar-Tal (2009) e Fukuyama (2021).

1. A identidade nacional construída de cima para baixo

Na primeira abordagem, mesmo que não exclusivamente, a estrutura social é tida como condicionadora da identidade nacional nos indivíduos. Para os autores aqui discutidos, é esta estrutura que oferece os subsídios ao indivíduo para compreender e representar a sua identidade nacional. Para Nhamaze (2000), num estudo sobre a Identidade cultural no processo de construção da nação moçambicana de 1975-90, discute como a construção da identidade moçambicana foi feita entre 1975-1990. Esse sentimento de pertença a uma nação foi feito de cima para baixo, ou seja, a partir de um aparelho ideológico, simbólico e material. Para o autor, foi a partir da bandeira, do hino e do emblema distribuídos por todo o território nacional que se tentou criar uma identidade nacional, uma identidade que primava em valores que deviam ser nacionais, como a construção do novo homem, o anti-tribalismo, anti-regionalismo e anti-imperialismo, ideias em voga na época. No entanto, Nhamaze (ibidem) chega à conclusão de que tal projecto fracassou por não levar em conta as especificidades locais. Este facto levou, segundo o autor, a um sentimento de indiferença da maioria da população ao estado-nação, portanto, não se criou uma identidade nacional nesses moldes.

Por seu turno, Valia (2012) estuda o medo e a represália no seio de funcionários do estado pertencentes à oposição. Segundo o autor, a pertença a um partido diferente do que está no poder leva a que os indivíduos ocultem a sua identidade por medo de represálias no sector de trabalho. Esta necessidade de ocultar a identidade tem heranças na primeira república, onde se tentou criar um estado uno, sem divisões de tribo ou filiação política, um estado de partido único. Apesar das mudanças ocorridas, a realidade e o trabalho de Valia mostram que a representação da identidade e a sua performance é condicionada pelos contextos em que os indivíduos estão inseridos.

Autores como Noronha e Figueiredo (2010) discutem os encontros na construção da identidade nacional e cultural. Para os autores, " processos de construção de identidade colectiva, nacional ou cultural, são, todavia, similares no que tange ao estabelecimento de um modelo com o mesmo fim, ou seja, o reconhecimento". Em outras palavras, os autores entendem que, tanto a identidade nacional como a cultural, buscam, nalgum momento, por reconhecimento por parte dos outros, esses podem ser outros países, identidades ou culturas. (Noronha e Figueiredo, 2010). A posição dos autores encontra amparo na de Queiroz (1989), que encontra similaridades entre a identidade cultural e nacional no Brasil, em contraste com a Europa.

Por outro lado, Basílio (2010) discute o papel do Estado e da educação na formação de uma identidade moçambicana no período pós-independência. O autor, através de uma visão macro, muito por conta do aparato político da época, procura mostrar como a identidade nacional moçambicana é, acima de tudo, uma identidade política, pois segundo o mesmo, a moçambicanidade como realidade sociopolítica nasceu, primeiro, como um projecto de resistência ao colonialismo e uma negação a todas as formas de ser impostas pelo aparato colonial, segundo, como uma relação coesa de forças sociais de diferentes grupos étnicos internos, a partir da qual os signos diferenciadores dos seus valores culturais e individuais são submersos no discurso da nação.

Segundo o mesmo autor, a identidade moçambicana é legitimada pelo discurso da unidade política, igualdade jurídica e equidade económica. Basílio coloca especial enfoque sobre o carácter político ao defender que as instituições criadas no período pós-independência tinham a missão de incutir a ideia de moçambicanidade. Contudo, a moçambicanidade desejada não foi concretizada devido à guerra civil que se seguiu à independência.

Por seu turno, Paredes (2014) procura mostrar a maneira como as identidades tradicionais e as heranças do período colonial e racista são contrapostas ao projecto de criação de um Homem Novo no país. Para o autor, mais do que uma recuperação identitária prévia, tratava-se da construção de algo novo e em direcção oposta ao passado. O homem novo, a ideia de moçambicanidade presente nesse período pós-colonial em Moçambique, é uma negação tanto do passado pré-colonial como do colonial, pois a ideologia presente era de que se o colonialismo usou as diferenças étnicas para melhor controlar o povo, então a FRELIMO, que estava à frente desse processo, procurava matar a tribo para o nascimento do homem novo.

Contudo, ver na criação do homem novo total rejeição da cultura tradicional seria um equívoco, pois “no que diz respeito às manifestações culturais como a dança, o canto, etc., a política da Frelimo pautou-se por um encorajamento apenas limitado pelos meios. Os festivais nacionais de canto e dança, novamente, constituem prova (...) da valorização da cultura nacional” (Macamo, 1996). Esta visão mostra que a contraposição de que fala Paredes (ibidem) não foi total.

Mas se Macamo (1996) não acredita na total contraposição entre a tradição e o homem novo, Ngoenha também não vê total ruptura entre a nação em construção com o pensamento europeu, pois da adopção do marxismo-leninismo ao neoliberalismo, o trajecto de Moçambique e dos moçambicanos continua a sofrer influência externa (Fraga, 2016).

Enquanto Hobsbwan (1996) centra a sua análise no papel da língua na construção da identidade nacional. Para o autor, a língua é um aspecto importante no processo de construção de uma nação, uma vez que é a partir dela que são tomadas as decisões sobre a nossa vida, portanto é crucial como um instrumento de transmissão de informação desde a escola. Hobsbwan defende ainda que o uso de uma única língua não constitui um elemento cultural, mas sim democrático. Uma língua padrão possibilita que mais cidadãos tenham acesso às decisões públicas, participação. Segundo o autor, o uso de uma língua padrão num estado tornou-se numa aspiração a qualquer estado nação, daí adicionar que uma única língua é mais um aspecto político e ideológico, ou até pragmático.

No entanto, a formulação de Hobsbwan (1996) encontra resposta em Blommeart (2006), que defende que os Estados devem ser baseados na realidade empírica, construindo as suas políticas

com base no que os indivíduos fazem, isso em termos sociolinguísticos, pois a imposição de uma língua não faz mais sentido, como mostra o caso da Tanzânia.

As abordagens dos autores acima discutidas dão particular destaque à estrutura social, mesmo que não exclusivamente, como condicionador da identidade nacional nos indivíduos. Desde o primeiro autor, Nhamaze (2000) que, mesmo concluindo que o projecto do homem novo fracassou, a nação ou o significado de moçambicanidade patente é derivado desse período, ideias ainda patentes na actualidade, como Valia (op. cit.) mostrou ao discutir o medo e a represália como construções sociais que nascem da ideia estabelecida do que significa ser moçambicano. Outros autores de diferentes quadrantes centram as suas posições no cruzamento entre a cultura e a nação, mesmo que não dialogicamente (inteiramente), mas como dois processos que dão subsídios a noção de identidade nacional.

2. Representação da identidade nacional no dia-a-dia

A segunda abordagem defende que a identidade nacional pode ser notada no dia-a-dia a partir de aspectos próprios de cada cultura que são usados pelos indivíduos. Halev e Morse (2003) discutem a relação que existe entre identidade nacional e auto-estima. Segundo os autores, quanto maior for o prestígio e respeito que um grupo tiver por parte dos outros, maior também será a auto-estima dos seus membros. Embora os autores reconheçam que esse processo não é automático, a dignidade e o respeito próprio requerem que o grupo ao qual pertence não seja ridicularizado, odiado, discriminado e perseguido. Os autores também discutem o orgulho em relação à nação. Para os autores, indivíduos que estejam orgulhosos da sua nação e suas conquistas têm um maior sentimento de pertença e responsabilidade para com a nação. Esse sentimento eleva a auto-estima dos indivíduos, pois sentem que pertencem a um grupo melhor e diferente dos outros.

Fukuyama (2021) discute a importância da identidade nacional nos estados modernos, a que resume em seis pontos: segurança ou integridade física territorial, qualidade da governação, facilitar o desenvolvimento económico, confiança nas instituições, redes sociais que mitigam a iniquidade económica e democracia liberal. Para o autor, a identidade nacional tem desempenhado um papel duplo e importante ao longo do globo. Nos países em que a identidade

nacional é baixa, existem mais problemas, sejam eles estruturais ou de outra índole, fazem parte desse quadro os países do Médio Oriente e da África Subsariana, enquanto os países com elevado índice de identidade nacional têm registado avanços significativos e menos convulsões sociais, como a China, Japão e Coreia do Sul.

Ainda segundo Fukuyama (2021), a identidade nacional começa com a crença num sistema comum assente na legitimação do sistema político, democrático ou não, mas também se alastra para o campo da cultura e valores. Consiste nas histórias que os indivíduos partilham sobre si e o seu local de origem. Bell (2003) vai de encontro a esta visão de Fukuyama ao centrar sua análise no papel da memória na construção da identidade nacional. Para o autor, a memória colectiva é um instrumento usado pelos governos para manter os povos unidos, mas não só, a memória colectiva é partilhada e transmitida de geração em geração, o que possibilita que ela continue viva.

Contudo, Fukuyama (2021) também dá ênfase ao papel da diversidade nos tempos contemporâneos. Para o autor, a diversidade pode permitir que identidades sobrevivam, mas também pode ser um factor negativo, como é o caso do Quénia, em que a diversidade levou à corrupção ligada a grupos étnicos.

Por seu turno, Larsen (2021) discute a questão da identidade nacional a partir de duas dimensões, o conteúdo e a intensidade. O autor defende que as narrativas sobre a nacionalidade são construídas socialmente, no entanto, governantes continuam a recorrer a identidades que estão ligadas à comunidade política, ao crescimento do estado e a identidades que podem ser ligadas à comunidade cultural, baseada na mesma língua, religião, comida e arte.

No quotidiano e na representação da identidade nacional, encontramos Edensor (2002), que discute como as performances dos indivíduos do dia-a-dia constituem representações da sua identidade nacional, a partir do desporto, dança e carnaval. Para o autor, existem competências populares, acções enraizadas e hábitos sincronizados que constituem formas de performance da identidade nacional no quotidiano. Portanto, é nesse quotidiano que a identidade nacional é dramatizada, apresentada e partilhada num processo de contínua reprodução que constitui a vida quotidiana.

Por seu turno, David e Tal (2009) discutem os processos psicossociais que influenciam a construção da identidade nacional. Os autores procuram, através de uma abordagem macro e micro, chegar ao significado da identidade nacional para os indivíduos. Para os autores, o sentimento de pertença a um grupo, nesse caso a uma nação, tem implicações nos indivíduos e no grupo, pois como a realidade é construída, o nível de solidariedade entre os membros e grupos, a unidade do grupo, como eles participam na vida do grupo, o que se espera deles, bem como a relação que estabelecem com os seus líderes e com as acções do grupo. Para os autores, a identidade nacional continua a ser um fenómeno que molda a vida individual e colectiva nos tempos modernos. Devido à crescente globalização, a identidade nacional torna-se num refúgio onde os indivíduos se demarcam uns dos outros. Sumariamente, para os autores, a identidade nacional é construída por via dialógica com a cultura. Esse último posicionamento vai de encontro com o de Firion (2009), que defende que a identidade nacional é construída dialogicamente a partir de uma auto descrição da cultura.

Os autores debatidos nesta secção centram as suas análises nas relações entre indivíduos, intergrupos. Para os autores, o sentimento de nacionalidade joga um papel na relação entre indivíduos e grupos e também é importante para a forma como o indivíduo se vê a si mesmo. Essas relações são vividas no quotidiano onde se dá a vida e suas representações, como defende Edensor (2002).

Estes argumentos mostram que a identidade moçambicana não pode ser atribuída nem à etnia, nem à modernidade, mas sim como um processo em construção e dialógico, que é caracterizado por um conjunto de factores que são da etnia e modernidade que se encontram à disposição do indivíduo no seu dia-a-dia, e que este usa deles para representar a sua moçambicanidade. Ou, como defende Macamo (1998), Moçambique é resultado das interacções individuais, ou melhor, resultado dos processos históricos e sociais. Em suma, a nação Moçambique e a identidade moçambicana (moçambicanidade) é resultado das interacções individuais no dia-a-dia e no diálogo dos indivíduos com o passado histórico, social, tradicional, étnico, colonial.

3. Formulação do problema de pesquisa

As abordagens discutidas na revisão da literatura mostram as diferentes formas que os autores debatem sobre como o processo de construção e representação da identidade nacional ocorre. Notamos uma viragem de uma abordagem que tem o Estado como regulador da identidade a uma que tem nas performances do quotidiano o significado da identidade nacional. (Nhamaze, 2000; Basílio, 2010; Edensor, 2002).

A corrente encabeçada por autores como Nhamaze (ibidem) e Basílio (ibidem) defende um papel fundamental da estrutura social no processo de formação das identidades nacionais. Para esta abordagem, a identidade nacional é imposta ao indivíduo pelas instituições sociais, como o Estado e a Educação. No entanto, esta visão apresenta-se limitada, pois negligencia o papel do sujeito nesse processo de construção da identidade nacional, para além de o estudo de Nhamaze (ibidem) ter mostrado que a tentativa de construção do homem novo falhou.

Por outro lado, Larsen (2021) e Edensor (ibidem) colocam a identidade nacional como um fenómeno passível de medição, pois, para os autores, a identidade pode ser medida através de factores que os indivíduos consideram cruciais para a sobrevivência do seu país, estes factores consubstanciam em última instância objectos de orgulho e melhoria da auto-estima por parte dos indivíduos pertencentes a certo país. (Halev e Morse, 2003).

Feita a análise da literatura, podemos aferir que os estudos focam mais na dimensão macro e, mesmo quando tratam dos aspectos do quotidiano, pouca atenção dão às percepções e significados atribuídos pelos indivíduos à identidade nacional. Por causa desses factores, procuramos compreender como os moçambicanos percebem e que significados atribuem a sua identidade nacional através da música moçambicana, como esta constitui um elemento usado no seu dia-a-dia para representar a sua moçambicanidade na cidade de Maputo.

Com base na análise acima feita, o nosso posicionamento é de que os indivíduos percebem e dão significados diferentes a sua moçambicanidade, e que este significado e percepção advêm da sua experiência quotidiana enquanto moçambicanos, e que é através dessa experiência que procuram na música moçambicana aspectos que os representam e identificam como moçambicanos.

Assim sendo, nossa pergunta de partida é: *Como é que os moçambicanos nascidos no período pós-independência percebem a música moçambicana como uma forma de representar a sua moçambicanidade e que significados atribuem à mesma?*

4. Objectivo Geral

- Compreender a percepção e o significado da moçambicanidade através da música atribuídos pelos indivíduos nascidos no período pós-independência na cidade de Maputo.

4.1. Objectivos específicos

- Descrever o perfil sociodemográfico dos entrevistados.
- Identificar a percepção dos indivíduos nascidos no período pós-independência sobre a moçambicanidade.
- Descrever a percepção dos indivíduos nascidos no período pós-independência sobre a música moçambicana como forma de representar a moçambicanidade.

Capítulo II

1. Enquadramento teórico

Nesta parte, faz-se uma abordagem da teoria sobre a qual a pesquisa se baseou. Este trabalho baseia-se na fenomenologia de Alfred Schutz (1979). Schutz constrói o seu quadro teórico para compreender a realidade baseando-se nas contribuições de Edmund Husserl (1859-1938) e Max Weber (1864-1920). Do primeiro, Schutz considera o argumento segundo o qual os indivíduos estão imbuídos de uma intencionalidade da consciência, que é fundamento de sua existência e de suas experiências no mundo. No segundo, Schutz resgata a formulação weberiana segundo a qual os indivíduos atribuem significados as suas acções e são motivados para esta atribuição.

Portanto, Schutz desenvolve um quadro que tem como base para compreender a realidade social, as experiências dos indivíduos que, segundo Husserl, são sempre em, e de, " seu mundo da vida". E esse mundo é constituído por tudo que os indivíduos fazem no seu dia-a-dia. Schutz (1979) analisa essa vida quotidiana do indivíduo a partir de três pontos, a atitude natural; factores determinantes da conduta; e os meios a partir dos quais o indivíduo se orienta nas situações da vida (estoque de conhecimento).

Para Schutz (ibidem), o que compõe a atitude natural ou o mundo da atitude natural nos é pré existente, ou seja, é o mundo a que somos apresentados quando nascemos a partir dos diferentes níveis de socialização a que somos sujeitos. Portanto, nossa interpretação do mundo é a mesma que a do grupo ou sociedade, é o mundo intersubjectivo.

Em segundo, os factores determinantes da conduta ou situação bibliográfica determinada é o momento, segundo Schutz, na vida de um homem em que a sua acção é determinada pela sua posição físico e histórico-cultural que abre ou fecha um leque de possibilidades de acção assentes no seu estoque de conhecimento. Este estoque de conhecimento é para Schutz (1979) um lugar onde o homem procura na experiência, a interpretação da sua situação corrente, ou seja, o estoque de conhecimento funciona como um modo de interagir e interpretar os fenómenos do quotidiano com base nas experiências passadas, pelas quais o homem passa ou de algum modo teve contacto.

Souza (2012) defende que a fenomenologia de Schutz é essencialmente caracterizada pela primazia aos fenómenos, ou seja, o autor procura desenvolver um quadro teórico que capta os fenómenos sociais antes ou sem qualquer quadro teórico.

Assim, a vida quotidiana vai ser o espaço de manobra de uma tal fenomenologia que vai captar a acção e o significado da acção que os indivíduos atribuem na atitude natural.

A partir dos três pressupostos de Schutz (ibidem), baseou-se a análise, primeiro, como o lugar físico influencia no comportamento dos moçambicanos, este lugar ao qual os indivíduos são introduzidos desde a infância e contribui para a sua formação como indivíduos através da interacção com outros indivíduos, mais concretamente, o seu núcleo mais próximo e a sociedade em geral na qual estão inseridos. Em segundo, a posição histórico-cultural que os indivíduos partilham, como os moçambicanos constroem a sua ideia de moçambicanidade com base num passado comum e como este factor dita o modo como vivem o seu dia-a-dia. Por fim, o estoque de conhecimento que serve de um referencial que os indivíduos buscam para justificar as suas acções com base na experiência, portanto, as justificativas por detrás das suas acções e significados atribuídos a elas. Os moçambicanos procuram na experiência uma forma de interpretar e realizar acções no seu dia-a-dia.

Através dos pressupostos teóricos da fenomenologia de Schutz, captou-se o significado que os moçambicanos têm da sua moçambicanidade, do seu ser moçambicano. O que significa para os indivíduos enquanto sujeitos, a percepção que cada um tem do ser moçambicano e como a música moçambicana joga um papel nesse processo de construção de uma identidade nacional. Essa percepção é moldada no processo de interacção ou nos diversos processos de interacção e socialização a que estão sujeitos.

A análise fenomenológica indica que as relações sociais são sustentadas pelos significados comuns que os indivíduos têm da realidade social. Essa significação comum da realidade social, no caso vertente, a significação atribuída pelos indivíduos à música moçambicana e como estes a percebem como meio de representação da sua moçambicanidade. Mas também defende que o seu ponto de partida para análise é a percepção imediata dos indivíduos sobre a realidade social, os fenómenos.

Nota-se que a sua percepção da moçambicanidade é polissémica, contudo baseada na sua experiência como moçambicanos que por via dela dão significado ao presente com base num passado comum, memória colectiva.

2. Definição de Conceitos

Nesta secção, apresenta-se e operacionaliza-se os conceitos-chave para a realização do trabalho. Os conceitos identificados são: identidade nacional, música e significado.

2.1. Identidade nacional

A identidade nacional está largamente associada a um passado e memória comuns que um determinado povo tem. Contudo, a identidade nacional tem origem no Estado moderno, pois este congrega num mesmo espaço territorial diferentes grupos sob a alçada de um projecto comum de nação.

Para Stewart Hall (1996), as identidades colectivas são recursos da história, da linguagem e da cultura no processo em que nos «constituímos como seres» (becoming) e não no processo em que «existimos como seres» (being). Hall entende a identidade nacional como uma construção constante, na qual os indivíduos pertencentes a uma determinada nação recorrem ao seu passado comum a fim de se localizarem hoje e representarem a sua identidade.

Para Rocha (2018), a ideia de identidade colectiva, nação ou de povo não é nem mais nem menos que um acúmulo de experiências individuais e colectivas, de vivências, de práticas sociais, de hábitos de vida e de costumes mais ou menos análogos de grande parte dos membros de um determinado território com fronteiras supostamente definidas, entretanto em constante transformação.

A identidade nacional, como se nota nas definições acima, é tida como uma identidade colectiva, baseada num lugar e passado concretos, mas que está em construção (Hall, 1996) e em transformação (Rocha, 2018). Esse processo de construção e transformação engloba o uso de linguagens, cultura, práticas sociais e vivências. Portanto, é com estas componentes que se aplica o conceito de identidade nacional neste trabalho, pois é entendido como um meio através do qual

os indivíduos usam da língua, práticas sociais e vivências para atribuir significado à música moçambicana como forma de representar a sua moçambicanidade.

2.2. Música

Segundo Moraes (1991), música é uma maneira peculiar de sentir e pensar, que propõe novas maneiras de fazê-lo. É por isso que, segundo o autor, pode-se perceber a música não apenas naquilo que o hábito convencionou chamar de música, mas – e sobretudo – onde existe a invenção de linguagens: formas de ver, representar, transfigurar e de transformar o mundo.

Iazzeta (2001) afirma que a música se apresenta como estrutura dinâmica e viva que se reconfigura dentro de suas práticas, dentro da criação e da escuta, e como tal deve, ser percebida como algo vivo, em constante mutação e que se actualiza a cada momento de sua realização.

E, para Wazlawick, Camargo e Maheirie (2007), a actividade musical, enquanto integrante de uma cultura, criada e recriada pelo fazer reflexivo-afectivo do homem, é vivida no contexto social, histórico, localizado no tempo e no espaço, na dimensão colectiva, onde pode receber significações que são partilhadas socialmente e sentidos singulares que são tecidos a partir da dimensão afectivo-volitiva e dos significados compartilhados.

As visões acima sobre a música são ricas em assumir esta actividade como algo mais do que a performance do artista e fora da visão puramente técnica, ao colocarem a música antes como integrante de um contexto sociocultural, colectivo e como forma de representar e transformar o mundo.

Portanto, é a partir desta visão que este trabalho toma a música, neste caso, a música moçambicana como um produto do contexto social, cultural e histórico dos moçambicanos e como forma de representar o ser moçambicano e Moçambique. Ora, é esta visão holística e ainda assim particular da música que se explora com este trabalho, ao concebê-la como uma representação da identidade moçambicana e assim percebida pelos indivíduos, como reflexo das suas experiências diárias colectivas.

2.3. Significado

Schutz (1979) fala do significado como ligado à experiência do indivíduo. Para Schutz (ibidem), o significado das experiências não é mais do que o código de interpretação que as vê como

comportamento. Só a experiência percebida reflexivamente na forma de actividade espontânea tem significado.

Segundo Luria (1986), o significado é “o sistema de relações que se formou objectivamente no processo histórico e que está encerrado na palavra” (p. 45). Quando se assimila o significado da palavra, domina-se a experiência social, reflectindo o mundo com plenitudes e profundidades diferentes.

Esta visão do significado enquanto um artefacto histórico e que coloca a experiência social como condição para compreender uma dada realidade é o que leva a usar esse conceito, pois compreender a moçambicanidade através das percepções e significados da música moçambicana é olhar o contexto social e experiência social e procurar junto dos indivíduos as suas visões sobre a sua identidade nacional contidas nas músicas.

Capítulo III

1. Metodologia

Seguem-se agora os métodos e técnicas usadas durante a realização deste trabalho de pesquisa. Este é um estudo qualitativo e seguiu a definição de Minayo e Sanches (1993), que entendem a abordagem qualitativa como uma abordagem que "realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objecto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela volve-se com empatia aos motivos, às intenções, aos projectos dos actores, a partir dos quais as acções, as estruturas e as relações tornam-se significativas". Deste modo, a escolha do método qualitativo foi devido a sua capacidade de captar o significado subjectivo que o sujeito atribui aos fenómenos sociais, no caso vertente, permitiu-nos captar o significado que os sujeitos atribuem à música como forma de representar a moçambicanidade e como essa percepção é antes ou também condicionada pelo lugar físico, histórico-cultural e estoque de conhecimento (Shutz, 1979) que rodeiam e moldam a visão de mundo do sujeito num processo de interacção desde os primeiros momentos de vida.

Associado ao que Lundin (2016) define como ponto fulcral da abordagem qualitativa, pois se foca em aspectos não mensuráveis da experiência humana, permitindo captar aspectos ligados às dinâmicas interpretativas dos sujeitos, assim como os comportamentos, significados, crenças, valores, atitudes, etc. As percepções e significados que captamos dos indivíduos são aspectos não mensuráveis, mas que são constituídos por crenças, valores, atitudes e comportamentos dos indivíduos que foram colectados através de instrumentos que apresentamos a seguir.

2. Método de procedimento

Como método de procedimento, escolhemos o estudo de caso que, como defende Gil (2002), "consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objectos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento". Ainda segundo o autor, o estudo de caso permite preservar o carácter unitário do objecto observado, o que possibilitou que nos centrássemos numa amostra pequena, pois não seria possível abranger os pouco mais de trinta milhões de moçambicanos. Assim sendo, com a amostra escolhida, estudamos como alguns moçambicanos da cidade de

Maputo nascidos depois da independência como objecto e procedemos ao estudo exaustivo das suas percepções sobre a moçambicanidade.

3. Técnicas de recolha de dados

Apresentamos e discutimos agora as técnicas de recolha de dados e justificamos o uso delas no trabalho.

Para este estudo, temos como técnicas de recolha de dados a pesquisa bibliográfica, entrevista semiestruturada e observação. A pesquisa bibliográfica foi usada para nos familiarizar, nas diferentes etapas do nosso trabalho, com o assunto em estudo. As entrevistas semiestruturadas permitiram colher as percepções e significados dos indivíduos sobre a representação da moçambicanidade através da música moçambicana. Por fim, a observação foi usada para ver e ouvir o ambiente em que alguns moçambicanos vivem.

3.1. Entrevista

A recolha de dados foi mediante a realização de entrevistas semiestruturadas, com um guião previamente elaborado. Segundo Richardson (2012), a entrevista semiestruturada ou em profundidade visa obter do entrevistado o que ele considera como os aspectos mais relevantes de um dado problema. A entrevista semiestruturada, como também é conhecida, procura compreender como e porque algo ocorre, em lugar de saber a sua frequência.

As entrevistas foram realizadas durante três semanas, entre Abril e Junho. A todos os entrevistados foi solicitado, a priori, o consentimento informado, com os objectivos da pesquisa, os riscos e ganhos à ela associados e posteriormente gravados mediante a sua permissão. Metade dos dezasseis entrevistados permitiram-nos gravar as entrevistas e o remanescente não. Relativamente aos que permitiram, fizemo-lo por via telefónica e, quanto aos restantes, tivemos de registar as respostas durante a entrevista.

3.2. Observação

Esta técnica também é conhecida por estudo naturalista ou etnográfico, nela o pesquisador frequenta os locais onde os fenómenos ocorrem naturalmente (Fiorentini e Lorenzato, 2006). É

uma técnica de colecta de dados que não consiste apenas em ver ou ouvir, mas em examinar factos ou fenómenos que se desejam estudar. É elemento básico de investigação científica utilizado na pesquisa de campo como abordagem qualitativa, podendo ser utilizada na pesquisa conjugada a outras técnicas ou de forma exclusiva.

Esta técnica auxiliou-nos na observação durante a colecta de dados nos bairros periféricos da cidade de Maputo, onde pudemos ver e ouvir como os moçambicanos vivem, que tipo de música ouvem, que adereços estão patentes na sua vestimenta e que língua usam nas suas interações, em suma, observamos a moçambicanidade no seu habitat natural e como ela ocorre e é representada.

3.3. Pesquisa bibliográfica

A característica da pesquisa documental é que a fonte da colecta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o facto ou fenómeno ocorre, ou depois. Para Richardson (2012), a pesquisa bibliográfica é uma etapa fundamental em todo trabalho científico pois fornece as bases do trabalho. Esta etapa consiste no levantamento, selecção e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa em livros, revistas, jornais, teses, dissertações, anais, entre outros.

4. Técnica de análise de dados

Para a interpretação dos dados, usamos a análise de conteúdo que, para Bardin (2016), é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos objectivos e sistemáticos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Ainda segundo a autora, a análise de conteúdo é um método muito empírico devido ao seu objecto, a fala. Deste modo, afim de proceder a análise do conteúdo, partimos da transcrição das entrevistas, em seguida, para a classificação das falas dos entrevistados em categorias e, por fim, para o confronto e análise das falas com a literatura e teoria.

Por outro lado através da observação foi possível fazer um contraste entre o que os entrevistados falavam e o local. Enquanto a pesquisa bibliográfica nos permitiu fazer o confronto do material recolhido com pesquisas já realizadas.

Deste modo, a análise de conteúdo foi o método adequado a nossa pesquisa, pois permitiu a análise do que os nossos entrevistados disseram, como também, e mais importante, das condições sociais que levaram ao uso de uns termos em vez de outros no modo de representação da sua identidade nacional.

5. População

Para Lakatos e Marconi (2001), o conceito de população compreende o conjunto de indivíduos que apresentam atributos próprios e vivendo em um lugar específico. Por outro lado, a amostra é concernente a uma parte total dos indivíduos que compõem o universo populacional. O nosso universo, população, é constituído por todos os moçambicanos nascidos no período pós-independência.

5.1. Amostra

Segundo Lakatos e Marconi (2001), a amostragem intencional escolhe os participantes da amostra segundo critérios previamente definidos, que para o caso vertente foram os moçambicanos nascidos no período pós-independência, mais concretamente, entre os anos de 1975 a 2004.

No entanto, a nossa amostra circunscreveu-se somente aos moçambicanos residentes na cidade de Maputo e nascidos no período pós- independência. Deste grupo, entrevistamos dezasseis, entre homens e mulheres, com idades compreendidas entre os vinte (20) e quarenta e nove anos (49). O limite da amostra e o fecho das entrevistas foram devidos à saturação dos dados, tendo-se verificado saturação e repetição das informações colhidas a partir da décima quinta entrevista.

6. Critérios de escolha dos participantes: inclusão e exclusão

Critérios de inclusão:

- Ser moçambicano maior de idade;
- Ser residente na cidade de Maputo;
- Pertencer ao grupo alvo (1975-2004);

- Participar da pesquisa sem contrapartidas financeiras ou de outro tipo.

Critérios de exclusão:

- Não pertencer ao grupo alvo (1975-2004).
- Não ser moçambicano;
- Ser menor de idade;
- Não ser residente da cidade de Maputo.
- Exigir favores financeiros e de outro tipo para participar da pesquisa.

7. Questões éticas

A atitude do pesquisador durante a colecta e análise de dados é um aspecto importante e por nós observado durante a realização desta monografia. Segundo Bryma (2016), os pesquisadores também devem considerar a imparcialidade e a objectividade na colecta, análise e interpretação dos dados. Isso inclui evitar conflitos de interesse, manipulação dos resultados e distorção das descobertas.

Durante a realização do trabalho, prestamos atenção às seguintes questões éticas: a informação consentida ou consentimento informado que foi usado para garantir que os sujeitos da pesquisa ou os entrevistados tivessem a compreensão do que o estudo aborda, ademais, explicamos os objectivos do estudo, quem teria acesso as entrevistas e o fórum em que o mesmo seria apresentado e discutido.

O anonimato foi outra questão ética observada com vista a garantir o anonimato dos entrevistados. Mais concretamente, explicamos aos nossos entrevistados que os seus nomes não seriam colocados no trabalho e que seriam substituídos por nomes fictícios. Para além de termos realizado as entrevistas em lugar seguro escolhido pelo entrevistado e longe de interferências.

Por fim, pautamos por uma postura objectiva e neutra que marcou a nossa conduta durante todo o processo de colecta, análise e interpretação de dados. Esta postura esteve assente em não emitir juízos de valor ou opiniões durante a coleta e análise de dados.

8. Constrangimentos

Durante a realização deste trabalho, enfrentamos algumas dificuldades, desde a concepção até a colecta de dados. A primeira dificuldade foi a fraca produção académica sobre a identidade nacional, a moçambicanidade, nos últimos anos, facto que nos fez usar os poucos estudos existentes dos finais dos anos noventa e início dos anos dois mil e literatura de outros quadrantes do mundo.

Um segundo constrangimento teve que ver com a relutância dos entrevistados em gravar os áudios das entrevistas com receio de virar “meme”, porque erraram português, mas reafirmávamos o carácter e o tipo de pessoas que teriam acesso às entrevistas, alguns cediam, mas outros preferiram não gravar a entrevista, o que fez com que tivéssemos de registar as perguntas e respostas por escrito durante a entrevista, tornando a mesma longa e cansativa.

Outro constrangimento foi a falta de disponibilidade de alguns entrevistados para entrevistas presenciais, o que nos levou a fazer entrevistas via chamada e/ ou whatsapp. Um último constrangimento foi o que alguns entrevistados sempre perguntavam “o que vou ganhar com isso?” mas, quando reafirmávamos tratar-se de um projecto académico, os mesmos cediam.

Capítulo IV

1. Análise e interpretação de dados

Feita a recolha de dados, partimos para a análise dos mesmos nesta segunda metade do nosso trabalho, tal empreendimento é possível a partir dos pressupostos teóricos que guiam a nossa pesquisa, alicerçados nos conceitos-chave que definimos como base da nossa análise, e temos também em conta os estudos usados na revisão da literatura que servem de ponto de confrontação dos nossos dados.

Esta segunda metade do nosso trabalho está dividida em quatro secções: na primeira apresentamos o perfil sociodemográfico da nossa amostra; na segunda, as percepções sobre a moçambicanidade; na terceira, de que forma a música moçambicana representa a moçambicanidade na perspectiva dos moçambicanos; e na quarta e última secção, a conclusão e anexos.

2. Perfil sociodemográfico

Nesta secção, apresentamos o perfil sociodemográfico dos nossos entrevistados, de referir que foram levadas em conta as variáveis: idade, sexo, morada, província de origem, estado civil, nível académico e profissão. Em termos de idade variam dos 20 aos 49 anos, com uma média de 31 anos. A nossa amostra é composta por dezasseis indivíduos, dos quais seis homens e dez mulheres. Dos dezasseis entrevistados, catorze são solteiros e dois casados. Em termos de residência, os nossos entrevistados são todos habitantes da cidade de Maputo, distribuídos pelos bairros: Mahotas (7), Polana Caniço A (2), Polana Caniço B (2), Maxaquene (2), Magoanine, Costa do Sol, Chamanculo C, cada bairro com um entrevistado.

Os nossos entrevistados estão organizados da seguinte forma: quatro estudantes universitários, dois guardas penitenciários, duas empreendedoras, uma confeitadeira, um técnico de som, uma cabeleireira, uma negociante, um motorista, uma agente de saúde, um militar e um artista plástico. Em termos de província de origem, doze são de Maputo, um de Inhambane, um de Sofala, um de Nampula e um de Cabo Delgado.

Com base no perfil sociodemográfico acima descrito, podemos chegar à conclusão de que os nossos interlocutores são na sua maioria jovens, com uma média de trinta e um anos (31), na sua

maioria mulheres, residentes na periferia da cidade de Maputo. Em termos de ocupação, os nossos interlocutores não possuem profissões formais, na sua maioria, com muitos a desempenhar actividades por conta própria como negociantes e/ou prestação de serviços.

3. Dia-a-dia do ser moçambicano

Nesta secção, procuramos descrever e discutir o dia-a-dia dos moçambicanos segundo a percepção dos nossos interlocutores, como estes interpretam a forma como vivem. O ponto central é, através da descrição que os indivíduos fazem do seu quotidiano, captar o significado do que é ser moçambicano no dia-a-dia, as suas vivências e experiências quotidianas e como estas moldam a visão de moçambicanidade.

3.1. Sobrevivência

A moçambicanidade no dia-a-dia significa sobrevivência diária e dificuldades de viver. O dia-a-dia dos moçambicanos é caracterizado por condições adversas à existência dos mesmos. Os nossos entrevistados mostram as adversidades que os acompanham no seu dia-a-dia e com as quais têm de lidar, num contexto que os obriga a procurar a sobrevivência através de diversas actividades. Estes significados atribuídos à moçambicanidade são melhor compreendidos nos excertos abaixo:

...um moçambicano tem problemas sociais, está a viver mal, à maneira, com força. O sul-africano não mostra muitas preocupações, o moçambicano está sempre a padecer duma situação. Batalhador, pandar, como dizem, moçambicano é caracterizado nesse aspecto, um procura sobreviver dia após dia... (Hélder¹, 32 anos, guarda penitenciário).

moçambicano é caracterizado pela expressão batalhadora [...] dia-a-dia batalhando a sobrevivência... (Ivan, 26 anos, técnico de som).

não é fácil, como vê, eu sou uma mãe solteira, saio de casa de manhã, luta com chapas, chegar ao serviço dezassete e trinta estou a sair, chego em casa já são

¹ Os nomes usados para identificar os entrevistados são fictícios pois, observam o carácter de anonimato.

vinte, vinte e trinta, não é fácil [...] moçambicano são pessoas passivas, ao mesmo tempo chatos e batalhadores ... (Natasha, 42 anos, agente de saúde).

O dia-a-dia do moçambicano é, portanto, caracterizado por adversidades que fazem com que os moçambicanos tenham de lutar pela sua sobrevivência, acordar cedo e ir atrás da vida. As condições de vida precárias são um aspecto sobejamente destacado pelos moçambicanos. Contudo, as adversidades fazem dos moçambicanos um povo batalhador que, na procura por melhores condições de vida, incorporam no seu dia-a-dia este espírito de luta e batalha:

para mim, ser moçambicano é mais que ter uma simples nacionalidade, para mim, ser moçambicano é alguém com espírito de guerrilha, de batalha[...] Para mim, ser moçambicano é ser alguém que auto supera as suas próprias dificuldades... (Bruno, 24 anos, militar).

...moçambicano, ele é identificado como aquele que é um batalhador, ehhe é identificado como aquele que vai a terras estrangeiras à procura de melhores condições de vida... (Arnaldo, 24 anos, estudante).

O dia-a-dia dos moçambicanos exige destes um espírito de batalha, e a sobrevivência com que se deparam no dia-a-dia mostra as adversidades que os acompanham e com as quais têm de lidar. Na perspectiva destes, ser moçambicano é ter de lidar com problemas sociais, acordar cedo e lutar para conseguir transporte para se fazer ao serviço, passar maior parte do dia entre o trabalho e o transporte que leva ao trabalho e pouco tempo em casa. Contudo, é este contexto que faz dos moçambicanos um povo batalhador e que luta pela sua sobrevivência.

3.2. Marginalização

O tempo tende a fazer as coisas ficarem mais apertadas para os moçambicanos, por isso estes sentem que estão cada vez mais marginalizados na sua própria terra. A condição de vida em que vivem actualmente é a principal causa desse sentimento, pois estes sentem que há um contraste dentro da sociedade moçambicana, onde a maior parte da população vive em condições precárias:

Moçambicano, ele é marginalizado [...] quando falamos do moçambicano, nós temos que falar não da pequena parte que vive bem, mas temos que falar na

generalidade e a maior parte da população moçambicana é sofreria sim...
(Arnaldo, 24 anos, Estudante).

...eu nasci e vivi um pouco no tempo de Chissano, mas eu vivi mas no tempo de Guebuza, e eu naquele tempo de Guebuza, quando faço os cálculos, pelo menos para mim, as coisas eram melhores [...] mas tempo de Guebuza as coisas eram melhores, eram mais acessíveis muito acessíveis [...] Mas agora pessoas o que eles querem de verdade mesmo essas crianças quando agora eles tipo, estudar, apanhar oportunidade irem para fora. Não querem estudar depois trabalhar aqui mesmo, porque não tem oportunidade, estás a ver. Já se mudassem as coisas nós íamos ter orgulho do nosso Moçambique. (Laura, 30 anos, cabeleireira).

Para os moçambicanos por nos entrevistados a marginalização é decorrente da condição de vida que tende a piorar e que dificulta a sua existência como moçambicanos. Para estes, as coisas não só mudaram para pior, em comparação com outros tempos, como há certa percepção de que as dificuldades não são para todos, existindo uma minoria que vive em melhores condições de vida. Contudo, não só em termos económicos se define a moçambicanidade. Para Osvaldo, 49 anos, motorista, o orgulho em ser moçambicano se perdeu por conta de outros factores, a política, por exemplo:

É assim, aquele orgulho de sermos moçambicanos já não se faz sentir em todos nós por conta da situação política que nós vivemos, que não nos ajuda tanto, não é que não nos ajuda tanto [...] então eu não posso dizer que eu tenho orgulho... (Osvaldo, 49 anos, motorista).

Ser moçambicano no dia-a-dia significa lidar com diversas adversidades, a situação económica desfavorável joga um papel crucial para a condição de vida actual dos moçambicanos que a consideram precária e desafiadora para a maioria da população. Contudo, os moçambicanos sentem que a condição do país é fruto da mão do homem, ou seja, para estes, a situação está precária em termos de condição de vida devido a uma minoria que levou o país a um estado contínuo de degradação da condição de vida da maioria.

Para Schutz (1979), o significado é fruto da experiência do indivíduo e funciona como um código de interpretação do mundo a sua volta. Ao colocarem a sua moçambicanidade como sendo uma experiência de batalha, sobrevivência e marginalização, os moçambicanos por nos entrevistados estão a interpretar esse mundo, pois a experiência é também, segundo Schutz (ibidem), um empreendimento reflexivo que possibilita atribuir significado a uma realidade.

Por outro lado, a performance do país nos campos social, económico e político leva os moçambicanos a perderem o orgulho de pertencer a este país, tal como defenderam Halev e Morse (2003), que o sentimento de orgulho e auto-estima em relação a uma nação estava intrinsecamente ligado a como este país se comportava nos seus diversos sectores.

Rocha (2018) já defendia a ideia de identidade, seja ela colectiva, nação ou de povo, como nada mais do que um acúmulo de experiências individuais e colectivas, de vivências, práticas sociais, hábitos de vida e de costumes mais ou menos análogos de grande parte dos membros de um determinado território com fronteiras supostamente definidas, entretanto em constante transformação

Contudo, segundo Luria (1986), a experiência social que dá sentido ao significado possibilita uma reflexão da realidade com plenitude e profundidade diferentes. Por isso, os moçambicanos identificam a falta de oportunidade para mudar as coisas aqui no seu país e a situação política como aspectos que os fazem não sentir orgulho de ser moçambicano actualmente:

...esse país não me identifica em nada por conta da situação que nós vivemos, económica, social, cultural, então essas adversidades que o país tem passado acaba por criar uma certa percepção dessas pessoas que não se identificam com o que está acontecer no país... (Bruno, 24 anos, Militar).

O dia-a-dia do moçambicano acima discutido é um lugar repleto de adversidades e busca por melhores condições de vida, seja internamente com a recordação de tempos melhores e sobre a busca de melhores condições além-fronteiras. Em suma, para os nossos interlocutores quem tem possibilidade de sair do país o faz a procura de melhores oportunidades, mas quem não pode tem de lutar nesse ambiente considerado difícil pelos mesmos.

A visão de Rocha (2018) sobre a ideia de identidade é reforçada com a análise feita acima, pois os moçambicanos entendem o seu ser moçambicano a partir das suas práticas colectivas e individuais defendidas como adversas e que se impõem a uma maioria da população moçambicana.

Deste modo, podemos concluir que a situação actual do país, social, económica e política, leva a um sentimento de falta de auto-estima e orgulho de ser e viver como moçambicano, conforme relataram os nossos interlocutores. Portanto, o dia-a-dia dos moçambicanos não é fácil, os mesmos têm de batalhar todo dia a fim de conseguir sobreviver dia após dia. Ser moçambicano tem-se tornado cada vez mais difícil, com os moçambicanos a destacarem que, em tempos, as coisas estavam melhores e tinham orgulho em ser moçambicanos, mas hoje os mais velhos sentem falta dos tempos que passaram, e os mais novos procuram uma oportunidade para sair do país. Mas do que é feita a moçambicanidade? É este o foco do nosso próximo capítulo.

4. Percepções sobre a moçambicanidade

Nesta secção, apresentamos e discutimos a percepção que os entrevistados têm sobre ser moçambicano. Estas percepções são resultado das experiências quotidianas, bem como da socialização.

De modo geral, os entrevistados, tanto os que nasceram na primeira república como os que nasceram depois do acordo geral de paz, percebem a moçambicanidade como ter uma identidade própria alicerçada por hábitos e costumes que podem ser tradição, língua local diferente do português, e a cor da pele.

4.1. A moçambicanidade como língua local

A moçambicanidade como língua local assenta na percepção segundo a qual, para se ser moçambicano é preciso saber falar uma língua local, pois a língua local, diferente da oficial, o Português, identifica e representa o moçambicano, por ser exclusiva e remeter a Moçambique e aos moçambicanos, como mostramos nos excertos abaixo:

nossa fala, a nossa cultura em si, os nossos traços, a nossa cultura isso quer dizer o amarrar a capulana, o tocar a timbila, as nossas danças, são coisas únicas, que fazem [...] características das mulheres do norte, do centro, do sul,

bem como da população na sua totalidade, porque os marongas tem uma característica específica, os makuas as suas danças, as suas tradições, é mais ou menos isso. (Margarida, 22 anos, estudante).

...ser falante da língua nacional, se identifique, um dos atributos é a língua, falar uma língua nacional. Primeiro, partilha do espaço nacional, isso é um aspecto primordial porque vivo aqui, hábitos alimentares, a língua e hábitos são essenciais, temos modos típicos de preparar os pratos nacionais, então o moçambicano tem uma forma típica de fazer. (Zeca, 38 anos, artista plástico).

[...] outra coisa que nos identifica são as línguas locais, além da oficial, porque outros países falam, visto que algumas pessoas não falam a língua local, por exemplo, eu sou machope. (Diana, 35 anos, Guarda Prisional).

A língua identifica o moçambicano, a língua local, mais do que qualquer outro artefacto cultural, é um dos centros da percepção da moçambicanidade no dia-a-dia. É através da língua local que os moçambicanos se comunicam nos encontros diários, nos mercados, nos chapas e outras ocasiões. No entanto, Moçambique possui um grande mosaico linguístico, contudo, para os nossos entrevistados, apesar de serem maioritariamente do sul, não circunscrevem a língua local ao Ronga e Changana de Maputo, mas a qualquer língua local nacional como aspecto que os identifica como moçambicanos, como mostra o excerto abaixo:

...ser moçambicano significa saber falar línguas locais. [...] porque se eu for para um outro país o que me vai identificar como moçambicano? Tenho que demonstrar a minha cultura, a energia local, acredito que sim (Fátima, 23 anos, estudante).

A língua local dá significado ao ser moçambicano, pois constitui um elo de ligação com a terra, a cultura e a vida quotidiana que são considerados únicos pelos moçambicanos e que os tornam únicos e diferentes dos outros povos. A língua local transmite Moçambique e os moçambicanos para eles mesmos e para o mundo.

Schutz (1979) fala do significado que os indivíduos atribuem a sua acção. Este significado é resultado da experiência quotidiana, que é usada como um código de interpretação da realidade.

Assim, quando os moçambicanos dizem que ser moçambicano significa falar uma língua local, é porque, na sua vida quotidiana, estes falam essas línguas locais com os outros moçambicanos e assim são capazes de se reconhecer uns aos outros, como também transmitir a outros povos e recém membros da sociedade moçambicana o que é ser moçambicano através do uso das línguas locais.

Discutir a língua como um aspecto da identidade nacional não é matéria nova. Hobsbawn (s/d) já defendia que a institucionalização de uma língua comum era essencial para o surgimento de uma nação, e que a língua era mais um aspecto democrático do que cultural. Esta constatação do autor difere da nossa, pois para os moçambicanos, não é o Português, língua oficial, que os identifica como moçambicanos, mas antes as línguas locais, pois estas são exclusivas e contêm aspectos próprios que diferenciam os moçambicanos dos outros povos.

A partir das respostas dos nossos entrevistados, podemos notar que estes dão importância ao factor língua como um aspecto que os identifica e os diferencia, tal como defendem Noronha e Figueiredo (2010), quando dizem que o fim último de uma cultura é o reconhecimento por parte de outros, sendo a língua local uma componente da moçambicanidade, pois estas línguas tem origem e são faladas em Moçambique e para os moçambicanos ter e falar uma língua local é mais importante do que falar a língua portuguesa, pois esta última não é exclusivamente dos moçambicanos.

A língua, neste caso, a língua local, como elemento da moçambicanidade mostra que, como defendeu Nhamaze (2000), a construção da nação moçambicana durante o socialismo da I República falhou por não levar em conta a realidade empírica dos indivíduos e procurar construir a nação a partir de uma dimensão nacional, do topo para baixo, instituindo uma língua oficial que era estrangeira. A língua portuguesa foi usada como um aspecto aglutinador e de unidade nacional, como um pilar na construção da moçambicanidade por parte das autoridades, no entanto, as percepções dos moçambicanos mostram que estes valorizam mais as línguas locais por estas serem algo somente seu e que os diferencia dos outros povos.

Contudo, como mostra a análise dos depoimentos e cruzamento com outros estudos, a identidade nacional é percebida e construída a partir de artefactos informais que estão à disposição de todos e são transmitidos quotidianamente.

O quotidiano dos moçambicanos é composto pelo uso da língua local que os mesmos usam quotidianamente nas interações sociais. Portanto, é aqui que a moçambicanidade se faz sentir, através do uso desta língua local que carrega consigo aspectos locais e que serve de veículo de transmissão de informação e comunicação em diferentes níveis.

4.2. Cultura alimentar típica dos moçambicanos

A moçambicanidade é expressa no modo de fazer a comida e nos pratos típicos locais, que são tidos pelos moçambicanos como essenciais a sua moçambicanidade, é através dos pratos e modos de preparar que os moçambicanos também se identificam e dão significado a sua moçambicanidade, através deles, sentem-se parte desta terra:

...e também gastronomia, nós moçambicanos temos as nossas comidas, em qualquer canto do país temos aquelas comidas que nos identificam.
(Camila, 20 anos, Estudante).

...hábitos alimentares, a língua e hábitos são essenciais, temos modos típicos de preparar os pratos nacionais, então o moçambicano tem uma forma típica de fazer [...] Tirando os fast-foods, mas esses também já tem algo daqui também... (Zeca, 38 anos, Artista Plástico).

Os modos de fazer e os pratos típicos de Moçambique são uma forma de representar a identidade dos moçambicanos, pois, para estes, a gastronomia os identifica no modo de fazer a comida, bem como nos alimentos que são exclusivos de Moçambique. A exclusividade da gastronomia faz com que os moçambicanos identifiquem esses pratos como de conhecimento obrigatório para se ser moçambicano e duvidam dos que não conhecem:

Temos outra coisa, a nossa gastronomia madledlele, tihove, kakana existem alguns que dizem que não conhecem, mas segundo eles, são moçambicanos (Diana, 35 anos, Guarda Prisional).

O que Diana faz no excerto acima é o que Edensor (2002) chamou de competências populares que um povo tem para representar a sua identidade nacional no dia-a-dia. Para se dizer que é moçambicano é preciso saber fazer e conhecer certos aspectos de Moçambique, representar a

moçambicanidade implica conhecer também os pratos típicos desse Moçambique, senão não se representa devidamente a identidade nacional moçambicana.

Segundo a fenomenologia de Schutz (1979), os indivíduos constroem significados à existência a partir do lugar, história e experiência. Ao defenderem que ser moçambicano é conhecer estes pratos, os moçambicanos estão a fazer uso destes três pressupostos para dizer que se faz parte deste território enquanto lugar físico e partilha da história, então a sua experiência como moçambicano deve incluir saber sobre estes pratos, e por saber, entendemos por preparar e consumir.

Ao discutirmos a gastronomia, mostramos o quão vasto e interessante é o campo da identidade nacional, mais precisamente, como a moçambicanidade pode e é representada através dos hábitos alimentares dos moçambicanos que estão patentes no seu quotidiano.

4.3. A capulana como meio de representar a moçambicanidade

A capulana, nos seus diferentes usos, é usada para representar o que é ser moçambicano através da roupa. Para os moçambicanos, a capulana é que representa o moçambicano, é uma expressão inequívoca da sua moçambicanidade:

...muitos usam a tradição europeia, americana por aí, se há é mesmo pelos mais velhos, jovens não usam, se usam são dez em mil, nossas mães são as que mais usam, não há muito seguimento da tradição. (Camila, 20 anos, Estudante).

... vestir mais para, por exemplo, a menina é aquela que não amara muito capulana, sempre de calças, de saíinhas, enquanto moçambicana é aquela que está sempre de capulana, de lenço... (Natasha, 42 anos, Agente de Saúde).

... vejo os mais velhos a identificarem-se como moçambicanos através da capulana, sim, são os mais velhos. Agora até que os jovens tentam, mas são os mais velhos com fervorosidade que vestem e se identificam como moçambicanos, através de túnica, a capulana, o lenço.. (Margarida, 22 anos, Estudante).

O uso da capulana está associado à ideia de uma tradição tipicamente moçambicana, é através dela que os nossos entrevistados se sentem moçambicanos quando a usam e sentem que os que não usam, os mais jovens, em algum momento se distanciam dessa tradição.

Hall (1992) chamou este fenómeno de tensão entre o local e o global no processo de transformação de identidades. Nesse processo, os locais têm sempre um receio de as suas identidades se perderem no contacto com outras e deixarem de existir ou então de homogeneização cultural. No entanto, Hall (ibidem) defende que as identidades nacionais não se dissolvem em contacto com as outras, mas não são mais as mesmas depois desse processo, pois as identidades estão sempre em mutação e não há risco de o local se perder porque, na interacção com outras culturas, o local sempre chama atenção e as identidades moldam-se mutuamente.

E hoje os processos históricos e sociais nos levam a um mundo cada vez mais conectado, onde a diferença entre o local e o global parece desaparecer e este processo afecta a identidade e a representação da moçambicanidade, mas ao mesmo tempo, ao notarem e ao praticarem aquilo que consideram seu, mesmo não abdicando de consumir conteúdo externo, os moçambicanos constroem, através de um diálogo entre o local e o global, a sua própria identidade nacional, enfatizando as suas particularidades, a sua moçambicanidade, através da língua local, gastronomia, forma de vestir e até a cor da pele.

4.4. O negro como representação da moçambicanidade

A moçambicanidade é baseada também no ser negro, através do tom de pele. Esta visão é dos nossos entrevistados que encontram na cor de pele um elemento que os identifica. Para os moçambicanos, a cor da sua pele, negra, é essencial pois, ao contrário de outros aspectos da identidade como documentos e nacionalização, a cor negra não se adquire e é essencial e única dos moçambicanos:

...negra [...] são mas não são bem bem moçambicanos. Porque para falar a verdade verdade, só nasceram aqui mas é porque tem uma avó que é de Portugal, uma mãe que é dos Estados Unidos, está perceber? Sim. Porque nós aqui, nós moçambicanos somos de raça negra, nós africanos aliás, já se viverem nos juntarmos é porque o país é independente... (Laura, 30 anos, Cabeleireira).

...minha cultura tem a ver com moçambicanidade, minha cor também, moçambicanos naturalmente são negros, embora tenhamos outros que adquirem a nacionalidade, a nossa cultura também me identifica como moçambicana... (Diana, 35 anos, Guarda Penitenciária).

...a nossa cor, o nosso tom de pele, a nossa fala, a nossa cultura em si, os nossos traços... (Margarida, 22 anos, Estudante).

O "nós moçambicanos somos negros" é evidente nos excertos acima onde os nossos entrevistados se vêem como essencialmente negros e ser essa uma das condições para se identificarem como moçambicanos. Contudo, os nossos entrevistados reconhecem que existam outras raças que são igualmente moçambicanas que tem as competências populares do que significa ser moçambicano discutidas acima. No entanto, o ser negro é associado a experiência comum partilhada no dia-a-dia, e esta experiência é na perspectiva dos moçambicanos por nos entrevistados dos negros.

O encontro de diferentes raças em Moçambique não é algo novo, basta olhar para a história do país, no entanto, quando o argumento raça é colocado em evidência, a explicação não é tanto que a cor da pessoa em si, mas o acesso a recursos (Serra, 2000).

Contudo, a percepção dos moçambicanos de que o negro que os caracteriza é inalienável é fruto também da sua experiência como povo, pois, como defende Schutz (1979), a experiência dos indivíduos constitui um factor primordial para compreender o comportamento e significado da acção destes. Assim sendo, a experiência dos moçambicanos mostra que os brancos têm melhores oportunidades de acesso a recursos em detrimento dos negros que são moçambicanos de cor.

A moçambicanidade descrita e discutida acima é um fenómeno multifacetado baseado em quatro eixos que vão da língua local até ao tom de pele, passando pela vestimenta e gastronomia. Como defendeu Basílio (2010), a moçambicanidade como realidade sociopolítica nasceu, primeiro, como um projecto de resistência ao colonialismo e uma negação a todas as formas de ser impostas pelo aparato colonial, segundo, como uma relação coesa de forças sociais de diferentes grupos étnicos internos a partir da qual os signos diferenciadores dos seus valores culturais e individuais são submersos no discurso da nação. Portanto, hoje a moçambicanidade como

identidade nacional ainda é uma negação dos aspectos externos à pátria, no entanto, se a génese da moçambicanidade estava associada à negação do colonialismo, hoje é uma negação da tentativa de globalização e homogeneização das culturas, da língua, da roupa, da culinária até à cor da pele, a moçambicanidade hoje é colocar o local em primeiro por parte dos moçambicanos.

A moçambicanidade exposta acima é essencialmente um conjunto de características que que na percepção dos nossos entrevistados devem remeter a Moçambique e aos moçambicanos. Estas características são vistas como inatas aos moçambicanos, como o tom de pele, bem como actos performativos que no quotidiano são usados para se descrever e representar a moçambicanidade, como o saber confeccionar e consumir alimentos tipicamente moçambicanos, vestir como moçambicano e falar uma língua local. Portanto, é assim que os moçambicanos por nos entrevistados percebem a moçambicanidade, é assim que ela é representada e esse é o significado que ela tem, local e endógena.

Capítulo V

1. A representação da moçambicanidade através da música moçambicana

Nesta secção, apresentamos e discutimos a música moçambicana como forma de representar a moçambicanidade na visão dos moçambicanos. Partimos do estágio actual da música na visão dos entrevistados, em seguida tratamos de como a música moçambicana pode ser um retrato da moçambicanidade.

1.1. Os estrangeirismos na música moçambicana

Para os moçambicanos por nós entrevistados, a música moçambicana feita actualmente não representa o ser moçambicano por estar repleta de elementos estrangeiros, desde a língua, português incluso, até ao ritmo. Os estilos feitos, como a Kizomba e o Amapiano são considerados como ritmos estrangeiros que só são feitos para ganhar dinheiro e nada acrescentam à sociedade moçambicana. Para os moçambicanos a música actual não os representa por estar longe da realidade histórica e actual do país, como melhor mostram os excertos abaixo:

...actualmente, pelo que é feito, vamos lá, nesses últimos dez anos, podemos dizer que não. Por quê? Porque estamos a ganhar o hábito de imitação na verdade, tentamos clonar o que não é nosso... (Bruno, 24 anos, Militar).

...hoje em dia temos música angolana, cabo-verdiana. Fazem estilos que não são nossos. Também fazem muito amapiano, são poucas que fazem... (Fátima, 23 anos, Estudante).

...É porque agora muitos cantores estão a copiar coisas doutros países, estás a ver [...] agora basta cantar, fazer uma música é porque é amapiano, são coisas que estão a copiar, entendes? (Laura, 30 anos, Cabeleireira).

...na verdade, hoje em dia nós já não escutamos música moçambicana como antes. Dantes nos escutávamos música moçambicana com sentido, hoje em dia acho que as pessoas estão mais para o ritmo do dia-a-dia... (Maria, 40 anos, Negociante).

Os moçambicanos entendem que falta significado à música moçambicana actual. Schutz (1979) define significado como um aspecto da realidade, que é constituída pelos significados comuns

que os indivíduos têm sobre a realidade social. Estes significados são fruto da experiência quotidiana e, na visão dos moçambicanos, é isto que falta à música moçambicana actual, a ligação com a realidade local.

O local desempenha um papel relevante na visão que os indivíduos têm da sua identidade nacional e como ela é representada diariamente e, sendo a música moçambicana um aspecto desse dia-a-dia, devia, para os moçambicanos, ter em conta as particularidades locais no acto da performance, pois a música é muito mais do que performance, uma vez que ela deve ter significado, como mostra o excerto abaixo da Maria, 42 anos, Agente de Saúde:

...dantes nós escutávamos música moçambicana com sentido [...] eu acredito que os jovens de agora usam a música simplesmente para ganhar dinheiro, a maior parte das músicas não tem sentido... insultos, não são coisas construtivas...

Esta visão de música é consonante com a de Wazlawick, Camargo e Maheirie (2007), que entendem a música como um aspecto integrante da cultura e que por isso deve ser vivida social e historicamente, localizada no tempo e no espaço, numa dimensão colectiva. Portanto, a música para os moçambicanos deve ir além do ritmo e performance do artista, ela deve ser um meio de representar a cultura, o dia-a-dia dos indivíduos, em suma, a música deve pensar e refletir o mundo a sua volta a partir de elementos oferecidos pela cultura local e o quotidiano dos indivíduos. E a partir desta visão holística e ao mesmo tempo local que a música moçambicana deve ser feita com vista a representar os moçambicanos. É esta dimensão da música que vamos explorar na próxima etapa do nosso trabalho.

1.2. A música moçambicana como retrato da moçambicanidade

Nesta secção, apresentamos e discutimos a forma como a música moçambicana, actual ou antiga, retrata ou liga os moçambicanos a sua pátria. Procuramos descrever em que medida os aspectos retratados na música moçambicana são considerados essenciais pelos moçambicanos para a sua identidade, a sua moçambicanidade.

Então, começaremos por abordar a música como representação da moçambicanidade, com base nos excertos abaixo:

...bem, eu não vou mais pelo tipo, curto qualquer tipo, basta que perceba a mensagem que passe [...] uma mensagem útil, benéfica, que ajude a sociedade [...] sim, fala da política, como o país tem ido, como as coisas acontecem... (Diana, 35 anos, Guarda Penitenciária).

...epha, ela sim representa, mas não vamos globalizar, de forma específica [...] existem músicas que trazem conceitos e reflexões de como a gente é [...] os nossos símbolos, hábitos alimentares, língua, por mais que o autor não me agrade, mas me representa... (Zeca, 38 anos, Artista Plástico).

...claro que representa sim, se você como moçambicano está atento em querer ouvir a mensagem daquela música, porque não é possível falar doutro país [...] seria o quotidiano, cada um acompanha o que o outro vive, para dizer aos que não vivem ali, a passar mal, para vocês assim que não vivem aquilo, ele procura fazer uma letra sobre aquilo que está acontecer na sociedade, para passar aquela mensagem ou não. Mesmo eu se for a escutar a música moçambicana, não olho para o ritmo mas o que ele trata a partir de música... (Hélder, 32 anos, Guarda Penitenciário).

Os moçambicanos vêem a música moçambicana como uma forma de ver e pensar o mundo a sua volta. Um elemento essencial é que a música é vista como um lugar de retrato da realidade, de como as coisas são, mas também de promoção das coisas boas de Moçambique. Para além da performance do artista, Moraes (1991) vê a música como uma forma de ver, representar, transfigurar e transformar o mundo. Esta visão é partilhada pelos moçambicanos, como mostra o excerto de Jéssica, 23 anos, empreendedora, abaixo:

...sim sim, acho que me representa [...] porque algumas músicas nos transmitem boas mensagens, bons ensinamentos, falam dos nossos antepassados, da geração de hoje e por aí [...] as músicas do cantor falecido Edson da Luz ou da Cruz, uma coisa assim, mais conhecido por Azagaia, as músicas dele retractam sim sobre o que os moçambicanos vivem no dia-a-dia, algumas músicas de rap também retractam que o músico, rapper/músico

Sleam Nigger faz ou fazia, né, também retratam o que os moçambicanos vivem no dia-a-dia, principalmente a música intitulada País do pandza.

Portanto, para os moçambicanos, a música transcende à performance e significa muito mais que o acto de compor. A música deve ter um elo com o contexto no qual é produzida, deve ser um instrumento de promoção das características locais, com base em instrumentos locais e em ritmos locais, mas a música deve também ser um retrato do tempo actual, um instrumento de denúncia e trazer à tona as especificidades da vida quotidiana. Uma música que se afasta histórica e contextualmente da sua realidade é vista como apenas um meio de entreter e ganhar dinheiro sem nenhum contributo significativo para a sociedade moçambicana.

Schutz (1979) destaca que o indivíduo dá sentido a sua acção quotidiana com base em três pressupostos, que são: a atitude natural, factores determinantes e estoque de conhecimento. Estes três funcionam como sistema de referência da acção diária, o estoque de conhecimento é onde o indivíduo procura na experiência um modo de interpretar a situação corrente na qual se encontra. É essa experiência colectiva que os moçambicanos esperam ouvir na música moçambicana. Este é o papel da memória colectiva de que fala Bell (2003) ao referir-se à história ou às histórias do passado como aquelas que, reafirmadas e reproduzidas através de símbolos e rituais, permitem diferenciar e destacar um grupo do outro, uma nação da outra. Ao referir-se ao papel da música como esse elo de ligação com o passado, a nossa entrevistada está a fazer referência a essa característica. É esta particularidade, esta ligação ao passado comum, que os moçambicanos procuram na música moçambicana e que os representa.

A moçambicanidade patente nesta secção é uma moçambicanidade que os ligue ao seu quotidiano, os moçambicanos procuram Moçambique em termos de conteúdo nas composições musicais. A música moçambicana deve acompanhar o tempo, mas o tempo dos moçambicanos. Ela deve estar ligada ao processo de construção da identidade nacional fazendo uso das histórias, linguagem, cultura, práticas sociais, vivências, bem como aos hábitos e costumes (Hall, 1996; Rocha, 2018).

A música moçambicana não se consegue cingir ao estilo, mas antes ao retrato das gentes e vivências moçambicanas, são estes os factores que estão por detrás da preferência pela

Marrabenta e pelo Rap como os estilos musicais que melhor representam a moçambicanidade, como veremos na próxima secção.

2. A Marrabenta e o Rap: dois eixos da moçambicanidade

Nesta secção, apresentamos e discutimos como a Marrabenta e o Rap são considerados os estilos que melhor representam o ser moçambicano e as razões por detrás dessas formulações. Aqui tratamos primeiro da marrabenta como um meio de ligação à terra e ao passado e terminamos com um estilo mais moderno, o Rap, e como este é percebido como um meio de representar dois lados da actualidade moçambicana: a curtição e ostentação, por um lado, e retrato dos problemas sociais.

2.1. A Marrabenta: ligação à terra e ao passado

Comecemos pela Marrabenta, que representa melhor o ser moçambicano por ser feita em língua local, usa instrumentos locais, retracta as gentes e os fazeres dos moçambicanos, por isso os moçambicanos a consideram um estilo que melhor os representa ou identifica como moçambicanos. Para os nossos entrevistados, a Marrabenta representa uma ligação ao passado:

a velha guarda [...]porque hoje em dia, eu quando olho para as músicas de hoje eu acho que não têm significado, enquanto que as músicas antigas falavam de coisas do dia-a-dia, por exemplo, do próprio músico, enquanto que essas de agora eu escuto, mas muitas das vezes nem entendo o que quer dizer, o que estão a falar... (Natasha, 42 anos, Agente de Saúde).

Dantes nos escutávamos música moçambicana com sentido [...] enquanto hoje não [...] mas dantes nós conseguíamos escutar as músicas da velha geração, escutavas e sentias ehhe, está falar algo que tem sentido, que ensina, diferente de hoje... (Maria, 40 Anos, Negociante).

...epha, são vários aspectos, vamos lá dizer aquelas que denunciam os nossos símbolos, hábitos alimentares, língua [...] A marrabenta

representa mais o sul, pode ser feita no centro e norte, mas é mais do sul, todos somos do mesmo país, mas cada parte pode representar de uma dada forma... (Zeca, 38 anos, Artista Plástico).

Os moçambicanos mais velhos vêem a Marrabenta como a melhor representação do ser moçambicano por ser um estilo que se baseia no local e nas suas especificidades. Para os moçambicanos, diferentemente da música actual, a Marrabenta significa ligação com o seu dia-a-dia, retractado através do uso da língua e do próprio ritmo que é tido como propriamente moçambicano. A Marrabenta como representação da moçambicanidade é essencialmente um artefacto do passado, por isso mais acessível aos mais velhos que viveram esse período e podem relacionar os acontecimentos do período com o conteúdo das músicas e daí atribuir significado com base na experiência própria. Contudo, a Marrabenta é também uma forma de negar os estrangeirismos presentes na música actual, é através do recurso à Marrabenta que os moçambicanos mostram o que consideram música e, acima de tudo, sua música é cantada em língua local e fala do local, este é o ponto que diferencia a marrabenta da música actual.

Schutz (1979) defende que os indivíduos atribuem significados à realidade através da experiência da realidade social. É a partir desse local, a realidade, que é constituída por conhecimentos sobre o passado, a memória colectiva, mas também pelo que Schutz (ibidem) chamou de estoque de conhecimento, que os indivíduos agem. Por isso os moçambicanos sentem um deslocamento em relação ao conteúdo de alguma música e à realidade social, pois não corresponde a sua experiência, por conter aspectos externos em termos de género e conteúdo.

Esta visão de música enquanto um espaço onde se pode encontrar a representação da identidade nacional pode ser sustentada pela formulação de Fukuyama (2021) na obra intitulada “Why national identity matters”, onde defende que a cultura e os valores são parte das histórias que os indivíduos contam sobre si e seu local de origem. É esta parte que a Marrabenta trata na visão dos nossos entrevistados, sobre o que é ser moçambicano e sobre Moçambique. A Marrabenta liga os moçambicanos a uma memória colectiva, a um passado que se tem acesso na performance e transmissão da Marrabenta.

Falar do Moçambique actual, retrato dos acontecimentos sociais e problemas do país são os pontos que os moçambicanos querem ouvir na música moçambicana. É isto que o Rap oferece, e é do Rap que falaremos no ponto a seguir.

2.2. O Rap: curtição , ostentação e retrato dos problemas sociais

O Rap é um estilo feito proeminentemente por jovens e usado para retratar as suas vivências e quotidiano. No entanto, apesar de ser feito por jovens e seu conteúdo ser muitas vezes associado à ostentação e conteúdos fúteis, este género é também visto pelos moçambicanos como o que actualmente melhor retrata as suas dificuldades e batalhas, fazendo denúncia das situações da realidade. Começemos por ver a parte menos útil do rap na visão dos moçambicanos:

...se for rap, vão falar vida louca, não do que também nos identifica como moçambicanos. Não na generalidade, mas alguns grupos sociais...
(Arnaldo, 24 anos, Estudante).

..Então, olhando para a música que é feita hoje, ela acaba por representar o que os moçambicanos estão a viver, principalmente a camada jovem, visto que ela é maioritariamente maior[...]por exemplo, sobre a bebida, curtir, o txilar, acabam por falar sobre essa área das mulheres serem interesseiras, porque os homens têm que ter duas, três mulheres. Podemos ter a título de exemplo a música do... nem sei se é de Shabba ou da Trap Boy Family, Bander, aquela toda malta acaba falando que na minha cama cabem três...
(Bruno, 24 anos, Militar).

...a geração actual fala de coisas materiais, fazem música para tocar[...]para txillar[...] para mais drogas, induzem as pessoas a se drogarem, sexo, mas não estão todos, uma parte fala de amor e são mensagens de amor e são repetidas... (Fátima 23 anos, Estudante).

“Curtição” e “vida louca” são os temas mais mencionados nas músicas de rap escutadas pelos nossos entrevistados, para estes, esse conteúdo pouco agrega à sociedade, apesar de admitirem que é em certa medida retrato da juventude. Portanto, através destes conteúdos, podemos notar

que o rap ou o conteúdo do rap descrito acima não é visto como educativo, ainda assim representa a realidade vivida pelos jovens.

Esta música da geração actual descrita acima é reprovada pelos moçambicanos, tanto pelo seu conteúdo considerado desprovido de significado e ligação com algo edificador para a sociedade como por ser cópia de ritmos estrangeiros e sem ligação com a realidade local, a moçambicanidade. E como vimos, um sentimento de identidade nacional é guiado por um sentimento de pertença e ligação através do retrato da história e cultura locais, acompanhada pelas vivências.

Contudo, a futilidade e conteúdo pouco educativo dessa música é retrato da experiência dos jovens, e eles dão significado a sua identidade mostrando através do uso de bebidas e mensagens reprovadas pela sociedade, mas que para eles faz sentido, pois é o que vivem (Schutz, 1979).

2.3. O Rap como retrato dos problemas sociais

O rap é um estilo associado à marginalidade e, por vezes, essa tendência ajudou os *rappers* a usarem a plataforma para fazerem denúncia dos problemas que afligem a sociedade, mais precisamente as camadas mais desfavorecidas. É esta visão que os moçambicanos têm de uma parte do seguimento do rap, a que se ocupa do retrato da realidade enquanto um lugar de desafios e batalhas quotidianas:

...as músicas do cantor falecido Edson da Luz ou da Cruz, uma coisa assim, mais conhecido por Azagaia, as músicas dele retractam sim sobre o que os moçambicanos vivem no dia-a-dia, algumas músicas de rap também retractam, que nem a do músico, rapper/músico Sleam Nigger faz ou fazia, né, também retractam o que os moçambicanos vivem no dia-a-dia, principalmente a música intitulada País do pandza. (Jéssica, 23 anos, Empreendedora).

...eu, para não ter que fugir bastante, eu vou trazer o nosso cantor, caro jovem, o jovem Azagaia. Azagaia foi um dos espelhos na nossa geração, jovem que teve um estilo diferente do habitual, mas ele nos trazia aquilo que era a realidade daquilo que nós vivíamos... (Osvaldo, 49 anos, Motorista).

...A música moçambicana fala do dia-a-dia, do nosso dia-a-dia a maior parte. Mesmo sendo rap moçambicano ou português, fala do nosso dia-a-

dia, não é... eu acho que é essa parte que nos dignifica... (Paulina, 46 anos, Empreendedora).

Aqui o rap é percebido como um estilo que está ao serviço do povo quando os seus fazedores retractam a sociedade, os problemas e o usam como um meio de transmitir conhecimento e libertar as mentes. O conteúdo da música é essencial para os moçambicanos se identificarem com este género musical, pois, apesar de as suas raízes serem externas, a sua relação com o local se verifica quando os seus fazedores cantam o local, as situações pelas quais eles mesmos como moçambicanos vivem e que seus compatriotas se identificam. A moçambicanidade deve remeter a Moçambique, as suas gentes e vivências, é a partilha de uma memória colectiva, fruto das experiências quotidianas, e este género é o materializar dessa realidade, ao colocar como foco a realidade partilhada pelos fazedores e ouvintes de rap.

Schutz (1979) discute o papel dos significados na interpretação do mundo. Para o autor, o significado constitui um código de interpretação do mundo, daí que a música é modo de interpretação que advém da experiência do indivíduo e da sua capacidade reflexiva sobre o meio envolvente e, mesmo em um mundo cada vez mais ligado, os indivíduos procuram uma ligação com um lugar físico, o seu país, Moçambique, onde há história, língua e um leque de artefactos que permitem que se identifiquem e diferenciem-se dos outros povos.

Moraes (1991) entende a música como uma forma de ver, representar, transfigurar e transformar o mundo. São essas qualidades que os moçambicanos vêem no Rap como representação do ser moçambicano. Por seu turno, Machonisse e Ribeiro (2023) defendem que o rap em Moçambique é um espaço em que se criam e recriam a memória colectiva das vivências sociais, culturais e políticas. Para os autores, a proeminência deste estilo em Moçambique tem que ver com a forma como os fazedores de Rap constroem o sentido de pertença e identidade colectiva, através do resgate e valorização das línguas bantu nas suas músicas. Esta formulação dos autores vem mostrar que a língua local é usada como um artefacto importante na construção da identidade nacional, aliado ao facto do Rap mencionado pelos moçambicanos promover a crítica social e de acção, a cidadania cultural e proactiva.

Por isso a música é uma parte dessa identidade, seja a que remete a Moçambique por conta do ritmo típico do país ou aquela que aborda aspectos pertinentes da vida quotidiana dos moçambicanos, a Marrabenta e o rap, respectivamente.

Como podemos notar, o quotidiano é muito importante para os moçambicanos. Estes procuram no dia-a-dia construir a sua identidade nacional com base em dois polos importantes que são a história, o passado e tradição, que é o lugar de onde vêm, aliado ao agora, as suas vivências e práticas quotidianas que são produzidas e reproduzidas durante as interacções, aspectos centrais da identidade nacional (Hall, 199; Rocha, 2018). Estes argumentos mostram que a identidade moçambicana é uma construção quotidiana, resultado das interacções, processos históricos e sociais. A moçambicanidade é um processo em construção e dialógico, que é caracterizado por um conjunto de factores que são usados pelo indivíduo no seu dia-a-dia e que este dispõe deles para representar a sua moçambicanidade. Apesar do seu carácter de um vir a ser, a identidade nacional moçambicana assenta em pressupostos bem definidos da vida presente e passada dos moçambicanos, são estes pressupostos que os moçambicanos querem ver e ouvir nas composições e em outras esferas da vida quotidiana.

Para os moçambicanos, a música moçambicana como retrato da moçambicanidade deve assentar no retrato do local, baseado em ritmos e línguas locais, como é o caso da Marrabenta, que é vista como representação da identidade nacional, pois se baseia em línguas locais e representa uma ligação com o passado e história, em contraste com os ritmos actuais que são importados e para os moçambicanos não representam em nada a moçambicanidade. Contudo, o Rap é uma excepção, pois este representa para os moçambicanos um instrumento de luta contra injustiças sociais e retrato dos problemas sociais dos moçambicanos.

São esses significados que a música moçambicana assume no imaginário popular local, que mostram o quão polissémica é a questão da moçambicanidade pois partimos de aspectos ligados ao dia-a-dia dos moçambicanos e terminamos com a música retrato dos problemas sociais e ligação com o passado.

Considerações finais

No presente trabalho, apresentamos e discutimos as percepções dos moçambicanos sobre a moçambicanidade, mais precisamente sobre que percepção e significado atribuem à música moçambicana como forma de representar essa moçambicanidade. O objectivo geral foi de compreender a percepção e o significado da moçambicanidade através da música atribuídos pelos indivíduos nascidos no período pós-independência na cidade de Maputo. Para o alcance deste objectivo geral, recorremos a um conjunto de procedimentos em voga na Sociologia para a realização de um trabalho científico, que vão desde a revisão da literatura, construção do problema, quadro teórico e conceitos base, metodologia e técnica de recolha e análise de dados.

Com base na pesquisa, pudemos argumentar que os moçambicanos por nos entrevistados atribuem percepções e significados à música moçambicana como forma de representar a sua moçambicanidade tendo como ponto de referencia a sua experiência quotidiana. No entanto, a música moçambicana que melhor os representa é a marrabenta, pois tem uma ligação crucial com a terra e o passado, e esta ligação falta aos estilos modernos feitos pela juventude, como o amapiano e a kizomba. Por outro lado, os moçambicanos por nos entrevistados consideram que a música moçambicana que melhor os representa como moçambicanos e que retrata a actualidade é o rap, apesar de este dividir-se em dois tipos: o de ostentação e o de intervenção social. Para estes, o primeiro retrata a forma como os jovens vivem hoje em dia, em festas e consumo de bebida, drogas e relações efémeras, enquanto o segundo representa a vida quotidiana da maioria da população, procurando chamar atenção para os problemas que assolam os moçambicanos e causar mudança na forma e modos de pensar e ser dos moçambicanos.

Ainda pudemos aferir que a moçambicanidade é um fenómeno polissémico, contudo, os moçambicanos concordam que está baseada em quatro pilares, e que para um individuo ser considerado moçambicano, é preciso que tenha o que Edensor (2002) chamou de competências populares, que para os moçambicanos são: saber falar uma língua local, conhecer os alimentos típicos e modos de preparar, uso de vestes que liguem a Moçambique e ser negro. Portanto, para representar a moçambicanidade, é preciso ter em conta estes aspectos, e é através destes que os moçambicanos reconhecem um ao outro e interagem nos seus encontros.

Em relação a língua local, os dados da pesquisa mostraram que a mesma dá significado ao ser moçambicano, pois, constitui um elo de ligação com a terra, cultura e a vida quotidiana que são considerados únicos e diferentes dos outros.

No que diz respeito a moçambicanidade como o saber preparar a comida típica verificámos que os modos de confeccionar os pratos típicos de Moçambique são uma forma de representar a identidade dos moçambicanos, onde o não conhecimento desses pratos coloca em dúvida o ser moçambicano, porque para estes, a gastronomia os identifica no modo de preparar a comida, bem como nos alimentos que são exclusivos de Moçambique.

No que concerne a capulana como vestimenta de representação do ser moçambicano, os dados indicaram que a capulana, nos seus diferentes usos, é usada para representar o que é ser moçambicano através da roupa. Para os moçambicanos, a capulana é uma expressão inequívoca da sua moçambicanidade pois não a mesma está associado á ideia de uma tradição tipicamente moçambicana.

Ainda sobre as competências populares que estão em volta da moçambicanidade, os dados da pesquisa revelaram que a moçambicanidade é baseada também no ser negro, através do tom da pele, para os moçambicanos a cor da sua pele negra é essencial, pois, ao contrário de outros aspectos da identidade como documentos e nacionalização, a cor negra não se adquire e é essencial e única dos moçambicanos.

Nas palavras de Hall (1996), a identidade nacional, que tomamos como moçambicanidade, é o recorrer constante à história, linguagem e cultura no processo de se tornar algo, um ser, um processo constante. Enquanto Rocha (2018) vê no acumulo de experiências e praticas colectivas a base da identidade colectiva. Eis o que os moçambicanos entendem como moçambicanidade que eles representam porque partilham da mesma história e, com base nas suas experiências, conseguem ter para si o que é ser moçambicano, que é a luta pela sobrevivência diária e ser marginalizado, mas sempre à espera de tempos melhores e com saudades dos que passaram, pois hoje os moçambicanos têm a percepção de que as coisas estão piores e por isso já não sentem qualquer orgulho em pertencer a este país e por isso entendem os que na primeira oportunidade partem para fora do país na procura de melhores condições de vida.

Por fim, podemos concluir que a moçambicanidade hoje é o diálogo entre diferentes gerações que têm visões diferentes em relação à música moçambicana e sobre o que é, mas convergem sobre a moçambicanidade e a vida dos moçambicanos e afirmam que esta atravessa momentos difíceis e que a situação socioeconómica e política do país fazem com que muitos procurem outros horizontes na busca do que não encontram no seu país.

No entanto, esta pesquisa não encerra as abordagens sobre a moçambicanidade e o dia-a-dia dos moçambicanos, mas se apresenta como um importante contributo para a compreensão da realidade social moçambicana. Todavia, este estudo focou-se em alguns moçambicanos que vivem na cidade de Maputo e por isso as suas percepções estão circunscritas a esta região, portanto, seria interessante ter um estudo em outro ponto do país ou mesmo ainda na mesma região mas mais para o interior e longe da área metropolitana. Ademais, outra abordagem podia estudar um aspecto em concreto das quatro percepções que discutimos.

Referências bibliográficas

Basílio, G. (2010). *O Estado e a Escola na Construção da Identidade Política Moçambicana* (Tese de doutoramento). São Paulo: PUC-SP.

Bell, D. (2003). *"Mythscape: memory, mythology, and national identity"*. British Journal of Sociology Vol. No. 54 Issue No. 1 (March 2003) pp. 63–81.

Borges, C. (2003). *Música, Tempo e outros conceitos*. s/l.

Blommeart, J. (2006). *"Language policy and national identity"*. s/l.

Bryman, A. (2016). *Social research methods*. Oxford University Press.

Camargo, D. Maheirie, K. & Wazlawick, P. (2007). *Significados e Sentidos da Música: uma breve "Composição" a partir da Psicologia Histórico-Cultural*. Maringá. V. 12, n. 12. p. 105-113.

Colonna, E. (2012). *"Eu é que fico com a minha irmã" Vida Quotidiana das crianças na periferia de Maputo*. Tese de Doutorado em Estudos da Criança Especialidade em Sociologia da Infância, Universidade de Minho.

David, O. % Bar-Tal, D. (2009). *"Sociopsychological Conception of Collective Identity: The Case of National Identity as an Example"*. Tel-Aviv : SAGE.

Edensor, T. (2002). *"National Identity, popular Culture and everyday life."* New York: Berg.

Fraga, C. (2016). *"A HISTÓRIA DA MINHA PÁTRIA": A identidade nacional moçambicana através do livro didático (1975-1992)* Porto Alegre: UFRGS.

Figueiredo, E. Noronha, J. *"Identidade nacional e identidade cultural."* In: Conceitos de Literatura e Cultura / Eurídice Figueiredo, (org.). 2 ed. Niterói : EdUFF; Juiz de Fora: EdUFJF, 2010.

Firion, J. (2009). *"A construção da identidade nacional brasileira"*. São Paulo: BAKHTINIANA, v. 1, n. 1, p. 115-126.

- Fukuyama, F. (2021). *"Why National Identity Matters"*. Nils Holtug and Eric M. Uslaner. (org.) *"National Identity and Social Cohesion."* Colchester, United Kingdom: Rowman & Littlefield.
- Krueger, R. A., & Casey, M. A. (2015). *Focus groups: A practical guide for applied research* (5th ed.). Sage Publications.
- Halev, J. E. Morse, E. (2003). *"National Identity and Self-Esteem"* . s/l. American Political Science Association.
- Hobsbwan, E.(1996). *"Culture, language and national identity"*. s/l.
- Iazzetta, F. (2001). *O que é música? (Hoje)*. Florianópolis: USP.
- Larsen, C. (2021). *"National Identity across Two Dimensions"*.
- Nils Holtug & Eric M. Uslaner. (org.) *"National Identity and Social Cohesion."* Colchester, United Kingdom: Rowman & Littlefield.
- Lakatos, M., & Marconi, A. (2001). *A Metodologia do Trabalho Científico* (6 ed.). São Paulo: Atlas Editores.
- Paredes, M. (2014). *A construção da identidade nacional moçambicana no pós-Independência: sua complexidade e alguns problemas de pesquisa*. Anos 90, Porto Alegre, v. 21, n. 40, p. 131-161.
- Macamo, E. (1998). *"A influência da religião na formação de identidades sociais no sul de Moçambique."* In *Identidade, moçambicanidade, moçambicanização*, edited by Carlos Serra, 35-69. Maputo: Livraria Universitária. 1998.
- Macamo, E. (1996). *A Nação Moçambicana como Comunidade de Destino*. Lusotopie, em: <http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/macamo96.pdf>. Acesso em: 27. Março. 2024.
- Minayo, M e Sanches, O. (1993). *Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?* Rio de Janeiro: cad. Saúde.

Miagusko, E. e Ferreira, L. (1999). "*Circunstâncias e Coadjuvantes na Interação Social: O Poder da Vergonha*" in: *Vergonha e Decoro na Vida Cotidiana da Metrópole*, José de Sousa Martins. (Org.), Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp. 17-30.

Nhamaze, H. (2000). "*A identidade cultural no projecto de construção da nação Moçambique, 1975-1990, o caso do distrito de Marrimueu*". (Monografia). Maputo: UEM.

Oliveira, Eliézer Cardoso de (2016) "*Apontamentos para uma sociologia da valentia*" *Sociologias*, Porto Alegre, ano 18, no 43, set/dez, p. 336-362.

Pais, J. (2002). "*Paradigmas Sociológicos na análise da vida quotidiana*" in: *Sociologia da Vida Quotidiana*". Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp. 75-121.

Queiroz, M. (1989). "*Identidade cultural, Identidade nacional no Brasil*". *Tempo social rev.* São Paulo: USP.

Sell, M. (2014) "*A negociação da moralidade por meio da produção de justificativas na reconstrução da narrativa do abuso sexual de crianças e de adolescentes: um estudo situado*" *RBLA*, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 873-898.

Schutz, A. (1979). *Fenomenologia e Relações Sociais*. Zahar Editores

Richardson, R. (2012). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. (3. ed. - 14. reimpr.). São Paulo: Atlas.

Rovisco, M. (s/d). *Reavaliando as narrativas da Nação - Identidade Nacional e Diferença Cultural*. IV congresso Português de Sociologia. s/l.

Rocha, F. (2018). *Precisamos de Uma Identidade Única e Coesa? Uma Questão de Identificação Nacional: A Nação e Identidade Nacional em Moçambique*. UFRJ, Belo Horizonte, v 10, n. 18.

Valia, I. (2012). "*Medo Social de Represália Política e Manipulação Identitária*". (Monografia). Maputo: UEM.

Apêndice

Guião de entrevista

Descrever o perfil sociodemográfico dos entrevistados.

- i) Qual é a sua idade?
- ii) Sexo?
- iii) Morada?
- iv) Província de origem?
- v) Estado civil?
- vi) Qual é o seu nível académico?
- vii) Qual é a sua profissão?

Identificar a percepção dos entrevistados sobre a moçambicanidade.

- i) Para si, o que significa ser moçambicano?
- ii) Como identifica um moçambicano?
- iii) Para si, o que é necessário para alguém ser moçambicano?
- iv) Considera-se moçambicano? Por quê?
- vi) Acha que algumas pessoas são mais moçambicanas que outras? Por quê?
- vii) Quais são as coisas que lhe permitem reconhecer um moçambicano?
- viii) Quais aspectos usa do ser moçambicano no seu dia-a-dia? Por quê?
- ix) No meio em que vive, que aspectos do ser moçambicano são mais usados, e por quem? (os mais jovens ou mais velhos/ os da sua idade ou os outros?)

Descrever a percepção dos indivíduos nascidos entre 1975-1990 e 1992-2010 sobre a música moçambicana como forma de representação da moçambicanidade no dia-a-dia.

- i) Acha que a música moçambicana o representa como moçambicano? Por quê?
- ii) Na sua opinião, que tipo de música trata mais das coisas que os moçambicanos vivem no dia-a-dia?
- iii) Acha que a música moçambicana trata de aspectos do seu dia-a-dia? Que aspectos, e como?
- iv) Acha que o que se diz nas músicas representa todo o país?
- v) Acha que a música moçambicana representa a sua região? Como, e que aspectos da sua região ouve nas músicas?
- vii) Que pessoas acha que essas músicas mais representam? Por quê?
- viii) Que parte do país acha que essas músicas mais representam? Por quê?
- Ix) Acha que já houve um período em que a música moçambicana representava melhor os moçambicanos? Por quê?
- X) O que mais gostaria de ouvir na música moçambicana sobre o seu dia-a-dia?
- XI) Se pudesse recomendar um género ou uma música moçambicana a alguém de fora, que género ou música recomendaria? Por quê?

Geração 1975-1992

- vi) Acha que o que se diz nas músicas representa a si e a sua geração? Por quê?
- vii) Que aspectos são tratados nessas músicas?
- viii) Esses aspectos caracterizam o período em que cresceu ou os dias actuais?
- ix) Qual é a diferença entre essas músicas e as feitas hoje?
- X) Que música melhor retrata o seu dia-a-dia como moçambicano, a feita hoje ou quando cresceu? Por quê?

Geração 1992-2010

Xi) A música moçambicana feita hoje representa a sua geração? Por quê?

Xii) Que aspectos característicos da sua geração são retratados nela?

Xiii) E a si, essa música representa? Por quê?

Xiv) Para si, a música feita pela sua geração representa o que é ser moçambicano? Por quê?

Xv) Que aspectos do ser moçambicano hoje são retratados nessa música?